

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**ROTEIRO ARTÍSTICO DA SIMBOLOGIA
FÚNEBRE DO CEMITÉRIO DO ALTO DE SÃO
JOÃO**

Margarida Agostinho Lopes

Relatório de Estágio
Mestrado em Museologia e Museografia

Relatório de estágio orientado pelo Prof. Doutor Eduardo Duarte e pela Dra. Gisela
Monteiro

2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Margarida Agostinho Lopes, declaro que o presente Relatório de Estágio do mestrado intitulada “Roteiro Artístico da Simbologia Fúnebre do Cemitério do Alto de São João”, é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.

O Candidato

Lisboa, 31 de outubro de 2023

Resumo

A arquitetura fúnebre e a arte tumular são dois aspetos que são esquecidos na História da Arte Portuguesa. Os cemitérios nacionais e o Turismo Cemiterial são temas pouco comuns no nosso país, dado ao desconhecimento da população e ao escasso estudo – apesar de atualmente haver mais – deste assunto.

São muitos os simbolismos associados às ornamentações e uma espécie de “emojis” de antigamente. A Simbologia é um campo vasto de diferentes significados e representações, referindo-se a temas como a vida profissional do defunto/a; aos grupos de associações – Maçonaria; aos símbolos religiosos, dando ênfase ao Cristianismo; à flora, em que é visto todo o tipo de flores e plantas com a definição de saudade e/ou morte; à fauna, no qual se observa as variedades de animais que retratam o escuro/noite/morte, etc. Muitos destes símbolos começaram por ter a sua história na época antiga e ao longo do tempo adaptaram-se ao significado que hoje lhes damos.

Assim sendo, o presente relatório vai ser dedicado ao enquadramento daquilo que é definido como simbologia fúnebre e qual o seu impacto no meio dos cemitérios portugueses, em particular, no cemitério do Alto de São João em Lisboa.

Palavras-Chave: Simbologia, Simbologia Fúnebre, Romantismo, Cemitérios, Lisboa

Abstract

Funeral Architecture and Funerary Art are two aspects that are forgotten in the History of Portuguese Art. National Cemeteries and Cemetery Tourism are uncommon topics in our country, given the population's lack of knowledge and the lack of study – despite there being more – on this subject - nowadays.

There are many symbolisms associated with ornaments and a kind of “emojis” from the past. Symbology is a vast field of different meanings and representations, referring to themes such as the deceased's professional life; to association groups – Freemasonry -; to religious symbols, emphasizing Christianity; to the flora, in which all types of flowers and plants are seen with the definition of longing and/or death; to fauna, in which you can observe the varieties of animals that portray the dark/night/death, etc. Many of these symbols began with their history in ancient times and over time they adapted to the meaning we give them today.

Therefore, this report will be dedicated to the framing of what is defined as funeral symbolism and its impact on Portuguese cemeteries, in particular, on the Alto de São João cemetery in Lisbon.

Keywords: Symbology, Funeral Symbology, Romanticism, Cemeteries, Lisbon

Agradecimentos

Com a finalização deste Relatório de Estágio tenho que agradecer a algumas pessoas que me ajudaram neste percurso tão importante da minha vida pessoal e profissional.

Em primeiro lugar, agradecer a Deus pelo seu imenso amor.

Ao Prof. Doutor Eduardo Duarte, o Orientador, pela ajuda, pelo apoio constante, pela paciência e determinação que teve comigo ao longo deste último ano.

À coorientadora, Dra. Gisela Monteiro, da Divisão de Gestão Cemiterial da Câmara Municipal de Lisboa, por todo o apoio, compreensão e capacidade em explicar-me tudo o que necessitei.

À Faculdade de Belas-Artes e à Divisão de Gestão Cemiterial da Câmara Municipal de Lisboa pela oportunidade que me foi concedida de realizar este mestrado tão desejado e o estágio curricular que espoletou ainda mais o meu gosto pelo tema dos cemitérios e, conseqüentemente, a sua arte.

Ao meu namorado Afonso, que passando pelos momentos bons e menos bons, nunca deixou de estar a meu lado.

Um agradecimento final e muito especial aos meus Pais, Mónica e Jorge, que a meu lado sempre demonstraram o seu grande amor, apoio incondicional e pela possibilidade que me deram em conhecer a História e a História da Arte, fazendo viagens nacionais e internacionais.

Índice

Introdução.....	13
1.1 Enquadramento da Investigação	13
1.2 Metodologia de trabalho	14
2. Turismo Cemiterial.....	17
2.1 Turismo Cemiterial Português.....	19
2.2 As Vantagens do Turismo Cemiterial	21
3. O Cemitério Romântico Português.....	23
4. Cemitério do Alto de São João	31
4.1 A Arte e a Arquitetura do Alto de São João	34
4.2 Principais Estilos Artísticos.....	38
5. A Simbologia Tumular	41
5.1 A Simbologia no Cemitério do Alto de São João.....	42
5.1.1 A Simbologia Fúnebre no Alto de São João.....	48
6. Roteiro Artístico	55
6.1 A Visita.....	56
6.2 Catalogação dos Jazigos	57
6.2.1 Os jazigos	58
Conclusão	66
Referências	68
Anexos.....	71

Índice de Figuras

Figura 1 – Cemitério Père-Lachaise, Paris, disponível em: https://www.cntraveler.com/activities/pere-lachaise-cemetery	17
Figura 2 – Cemitério Judaico de Praga, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	18
Figura 3 – Cemitério da Lapa, Porto, disponível em: https://www.flickr.com/photos/sensaos/39401150355	20
Figura 4 – Jazigo dos Duques de Palmela, Cemitério dos Prazeres, Lisboa, disponível em: https://andarilho.pt/2022/11/02/o-cemiterio-dos-prazeres-e-um-museu-ao-ar-livre/	26
Figura 5 - Inscrição do ano de abertura no portal da entrada do cemitério, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	33
Figura 6 - Edifício dos serviços administrativos, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	33
Figura 7 - Jazigo dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	34
Figura 8 - Jazigo dos Viscondes de Valmor, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	34
Figura 9 - Rua do cemitério do Alto de São João, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	36
Figura 10 - Rua do cemitério do Alto de São João (2), Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	36
Figura 11 - Pormenor das árvores do cemitério do Alto de São João, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	36
Figura 12 - Rua principal do cemitério do Alto de São João, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	36
Figura 13 - Fachada principal da capela do cemitério do Alto de São João, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	37
Figura 14 - Chaminé do crematório do Alto de São João, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	37
Figura 15 - Exemplo de um jazigo-capela, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	37
Figura 16 - Exemplo de um jazigo-agulha, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	37
Figura 17 - Jazigo neoclássico, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	38
Figura 18 - Jazigo neobizantino, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	38
Figura 19 - Jazigo neogótico, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	40

Figura 20 - Jazigo do período da 1ª República, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	40
Figura 21 - Jazigo de influência Arte Déco, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	40
Figura 22 - Urna coberta, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	52
Figura 23 - Caveira com ossos cruzados, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	52
Figura 24 - Ampulheta com asas de pássaro, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	52
Figura 25 - Tocha invertida, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	52
Figura 26 - Carpideira, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	53
Figura 27 - As Moiras, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	53
Figura 28 - Máscara mortuária, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	53
Figura 29 - Ampulheta, Tocha invertida e Gadanha, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	53
Figura 30 - Morte segadora, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	54
Figura 31 - Âncora com fio partido, cruz e coração, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	54
Figura 32 - Coluna partida, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	54
Figura 33 - Ciprestes, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	54
Figura 34 - JP66, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	58
Figura 35 - JP120, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	59
Figura 36 - JP173, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	59
Figura 37 - JP261, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	60
Figura 38 - JP265, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	60
Figura 39 - JP276, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	61
Figura 40 - JP302, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	61
Figura 41 - JP326, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	62
Figura 42 - JP645, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	62
Figura 43 - 1327, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	63
Figura 44 - JP4717, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	63
Figura 45 - 4749, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	64
Figura 46 - JP6674, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	65
Figura 47 - Crematório, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	65

Índice de Anexos

Anexo A – Dossiers com registos fotográficos dos jazigos do Alto de São João, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	15
Anexo B - Mapa A3 do Alto de São João com os jazigos de simbologia fúnebre, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	71
Anexo C - Legenda dos jazigos escolhidos para o percurso, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	72
Anexo D - Macroprocessos da Divisão de Gestão Cemiterial, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	72
Anexo E – Cemitério Britânico de Lisboa, disponível em: https://www.dn.pt/edicao-do-dia/22-abr-2021/cemiterio-ingles-tres-seculos-de-historia-escondidos-no-meio-de-lisboa-13597643.html	73
Anexo F – Símbolo saudade-perpétua, Fotografia: Margarida Lopes 2023.....	73
Anexo G – Símbolo patas de leão, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	74
Anexo H – Símbolo mocho, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	74
Anexo I – Símbolo cão, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	75
Anexo J – Símbolo coração com espinhos, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	75
Anexo K – Símbolo cruz celta, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	76
Anexo L – Símbolo cruz latina, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	76
Anexo M – Símbolo cruz gólgota, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	77
Anexo N – Símbolo maçónico: Esquadro, compasso e letra G, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	77
Anexo O -Símbolo profissional de Professor, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	78

Anexo P – Jazigo de Almada Negreiros e Sarah Affonso, Fotografia: Margarida Lopes, 2023.....	78
Anexo Q – Desenho original JP66, disponível nos macroprocessos da Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa.....	79
Anexo R – Desenho original JP173, disponível nos macroprocessos da Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa.....	79
Anexo S – Desenho original JP302, disponível nos macroprocessos da Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa.....	80
Anexo T – Desenho original JP326, disponível nos macroprocessos da Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa.....	80
Anexo U – Desenho original JP645, disponível nos macroprocessos da Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa.....	81
Anexo V – Desenho original JP1327, disponível nos macroprocessos da Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa.....	81
Anexo W – Desenho original JP4717, disponível nos macroprocessos da Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa.....	82
Anexo Y – Desenho original JP4749, disponível nos macroprocessos da Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa.....	82
Anexo X – Painel de azulejo JP4717.....	83

Índice de Tabelas

Tabela 1- Levantamento estatístico dos símbolos fúnebres do Cemitério do Alto de São João.....	15
---	----

Glossário de Siglas

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural

JP – Jazigo Particular

Introdução

1.1 Enquadramento da Investigação

O presente relatório de estágio enquadra-se no âmbito do trabalho final de Mestrado em Museologia e Museografia da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Como tal, foi realizado um estágio curricular na Divisão de Gestão Cemiterial da Câmara Municipal de Lisboa, no qual estive presente durante 120h entre dezembro de 2022 e setembro de 2023. Inicialmente, foi pensado a realização de um estágio em que teria a função de registar e identificar todos os jazigos do Alto de São João e os seus respetivos símbolos, através de quatro dossiers, e passá-los para uma base de dados. No entanto, mostrei vontade em querer fazer mais e chegou-se à conclusão, com a ajuda dos meus orientadores, que poderia fazer também um trabalho/projeto e realizar um roteiro artístico sobre a simbologia fúnebre deste cemitério, de modo a juntar o trabalho teórico e prático. Assim sendo, diminuí o número de horas presenciais no cemitério de Carnide, local onde se encontra a Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa, e passei mais tempo em bibliotecas e online há procura de bibliografia e a realizar o relatório/projeto.

Este é um tema pouco visto e falado no nosso país, que causa desconforto à maioria da nossa sociedade, por ser um local que evoca a tristeza e as saudades, e que questionam e afirmam diversas vezes: “Não te faz impressão trabalhar ao pé dos defuntos? “Eu não era capaz de estar num cemitério...”. Estas afirmações causaram-me ainda mais curiosidade, daquela que já tinha, porque era o trabalho ideal para olhar para um espaço pouco amistoso e torná-lo num espaço no qual a sociedade o encarasse como um museu ao ar livre e o visse com outros olhos. Todavia, aos poucos, começa a verificar-se um maior interesse nas visitas aos cemitérios nacionais, também por alguma influência das visitas a outros grandes e riquíssimos cemitérios europeus.

Foram propostos outros temas de grande importância como, por exemplo, a Simbologia referente à “Morte e Mortalidade”, aos “Grandes Homens” – baseado no estudo de Homens e Mulheres que marcaram a História de Portugal -, à “Arquitetura Funerária” – em que se dedica a percorrer a Arquitetura dos mais variados séculos da História, desde a Antiguidade até ao Contemporâneo -, à “Heráldica” – assente nos brasões de armas ou escudos.

A Simbologia Fúnebre passa a ser o assunto central em que pretendi transformá-la no principal tema ao conhecer os mais variados símbolos e o seu significado. Para torná-la mais apelativa, organizar um Roteiro Artístico foi a melhor das opções para interagir

com o público e observá-la com uma outra visão, neste caso a Histórica e a Artística, para esquecer o que atormenta quem a visita: A morte, a tristeza, as saudades.

1.2 Metodologia de trabalho

Para a elaboração deste relatório de estágio foi preciso esquematizar a ordem de trabalho do geral para o particular. Este é um tema com informação escassa e, por isso, não foi fácil encontrar bibliografia, principalmente, no que diz respeito à História do Cemitério do Alto de São João.

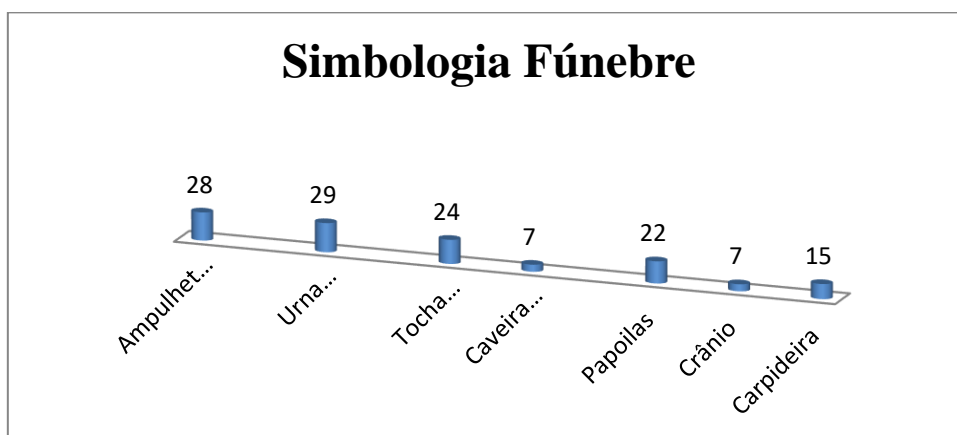
Começando por uma vertente mais teórica e, uma vez que o tema se baseia na Simbologia Fúnebre do Cemitério do Alto de São João, comecei por pesquisar sobre o tema de Turismo Cemiterial Internacional e Nacional e a sua importância com a ajuda de diversa bibliografia em que destaco o artigo, do ano de 2018, de José Augusto Maia Marques, Doutor em Turismo, “Turismo Cemiterial – o «porquê» e o «onde»”, no qual elaborei o primeiro capítulo. Em seguida, e como o assunto central é o cemitério, escrevi o segundo capítulo referente à história dos Cemitérios Românticos Portugueses, bem como as suas características e influência para a História da Arte portuguesa, em que realço, entre outros, o artigo “A Influência dos Cemitérios de Lisboa na Arte Funerária Oitocentista em Portugal” do Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”, II Série, Nº11, do ano de 1999, do especialista em arte funerária portuguesa do século XIX, José Francisco Queiroz e do livro “Arquitetura para a Morte”, de Simões Ferreira (2009). Depois, para terceiro capítulo, e apoiada pela Informação n.º2632/DBC/DPIMI/UCC/2015 de 30 de outubro de 2015 da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) para uma eventual classificação do Núcleo Histórico do Alto de São João, organizei um texto em que escrevo sobre a História do Cemitério, as suas etapas de construção, a sua Arte e Arquitetura e a suas tipologias. Seguidamente, passei para o tema da Simbologia Tumular. Para esta fase do relatório, tive acesso online à Revista Cephis, de Adília Fernandes, do Centro de Estudos de Trás-os-Montes e Alto Douro, de 2018, e ao livro de Gisela Monteiro e Sandra Mesquita, *Flores de Pedra/ Flowers of Stone*, de 2020 que me deram ferramentas para desenvolver o assunto em questão. Para o subcapítulo da Simbologia Tumular do Alto de São João tive acesso a dois livros do autor Douglas Keister, de 2004, *Stories in Stone: A Field Guide to Cemetery Symbolism and Iconography* e da autora Fátima Elías, do ano de 2019, *La voz de los muertos: Guía de símbolos olvidados de los cementerios*, que me ajudaram a

perceber o conceito de Simbologia e que símbolos existem. A partir deste último ponto dividi todos os símbolos por temas correspondentes, por exemplo: papoila, perpétua e saudade que correspondem ao grupo da flora.

Posteriormente, apontei todos os símbolos fúnebres existentes no Alto de São João, seguido das suas explicações/histórias. Posto esta última análise, desenvolvi o capítulo da Simbologia Fúnebre existente no Alto de São João. Para este capítulo, fui à Divisão de Gestão Cemiterial, localizada no Cemitério de Carnide e analisei os quatro dossiers com os registos fotográficos do Cemitério do Alto de São João (ver **Anexo A**) e, juntamente, elaborei uma tabela onde fui preenchendo as ruas, os números e os respetivos símbolos fúnebres dos jazigos.

A partir desta pesquisa, foi feita uma planta, numa folha A3, para poder escolher os jazigos e o percurso desejado (ver **Anexo B**) e a partir desta um gráfico onde se percebe o número (aproximado) de cada símbolo fúnebre (**Tabela 1**)

Tabela 1- Levantamento estatístico dos símbolos fúnebres do Cemitério do Alto de São João



Numa terceira fase, e uma vez o mapa feito, com a ajuda da coorientadora, foi escolhido o percurso para a visita guiada que engloba catorze jazigos, nos quais duas visitas curiosas: o crematório e o pormenor do painel de azulejo da casa portuguesa. A ideia foi corresponder os jazigos a cada um dos símbolos fúnebres existentes no cemitério do Alto de São João. É claro que existem outros símbolos com representação fúnebre, mas a maioria é a que está na figura acima. Primeiramente, para distinguir os símbolos, foram usadas diversas canetas de cor e feita uma legenda no canto superior direito (ver **Anexo C**) Depois, após todos os jazigos escolhidos, foi pedido à Câmara Municipal de Lisboa o acesso aos macroprocessos dos mesmos, constantes do Arquivo Municipal de

Lisboa. Estes macroprocessos servem para perceber as mudanças arquitetónicas e artísticas ocorrentes até ao ano presente, a partir dos esboços originais e da documentação referente aos donos dos jazigos, bem como aos arquitetos de cada um. (ver **Anexo D**) Este foi um processo difícil, porque a maioria dos jazigos não contém a informação relativa ao seu arquiteto e/ou canteiro, uma vez que só mais recentemente essa informação passou a ser registada na documentação.

Numa quarta fase foi preenchido num ficheiro de Excel o número e as ruas do cemitério correspondentes a cada jazigo de simbologia fúnebre, como também os tipos de símbolos fúnebres para fazer um levantamento estatístico.

Numa quinta fase, comecei a elaborar o capítulo sobre o Roteiro Artístico. Esta foi a etapa que considerei mais acessível de elaborar, porque conciliei o que foi aprendido ao longo do Mestrado em Museologia e Museografia com a parte prática deste trabalho. Primeiramente, com base na planta de todos os jazigos de simbologia fúnebre, assinalei a lápis a orientação do percurso e, conseqüentemente, procedi a um levantamento fotográfico dos catorze jazigos, incluindo o pormenor do símbolo de cada um, e do crematório. Por curiosidade, este levantamento foi realizado na 2.^a semana cultural dos Cemitérios, no dia aberto do Cemitério do Alto de São João, em que foi possível entrar dentro de alguns jazigos e participar na visita noturna na qual aprendi ainda mais sobre a história de cada símbolo e observei simbologia que desconhecia. Para além das fotografias tiradas aos jazigos do percurso, foram também tiradas fotografias a outros símbolos fúnebres, aos jazigo-capela, a diversos jazigos que representem a arquitetura da Antiguidade Clássica até à Arte *Déco*, às ruas do cemitério, capela do cemitério, crematório, às árvores existentes. Este foi um dia engraçado, uma vez que foi a primeira vez que trouxe os meus pais a ver um cemitério como um museu aberto.

Para a sexta e última fase, com a ajuda dos macroprocessos dos jazigos, foi efetuada a Catalogação dos catorze jazigos, do Crematório e painel de azulejo da Casa Portuguesa.

2. Turismo Cemiterial

É sabido desde a existência do ser humano na terra que a morte é considerada assunto tabu, assustadora e fora de controlo. Atualmente algo mudou. Observamos atrações turísticas que estão ligadas à morte, como memoriais e museus de guerra, campos de batalha, campos de prisioneiros, cemitérios. Conforme Eduardo Rezende, um geógrafo brasileiro que se dedica ao estudo do Turismo Cemiterial, o cemitério: “ (...) é uma fonte de pesquisa geográfica (localização e expansão das cidades), histórica (antigos hábitos e razões de inumar), sociológica (como a sociedade lida com a morte e a memória), antropológica (representações individuais e coletivas da morte), linguística (signos verbais), literária (escritos sobre as necrópoles, epitáfios), artística (escultura funerária, vidros, metais), arquitetónica (construções tumulares), arqueológica (antigos túmulos), hidrogeológica (águas subterrâneas cemiteriais), pedológica (os solos dos cemitérios), genealógica e heráldica (famílias, nomes, brasões), demográficas (imigrantes, casamentos), nobiliárquica (linhagem nobres).”¹

No século XIX, os cemitérios assumem uma grande importância para os arquitetos uma vez que vão surgir grandes projetos dos cemitérios urbanos como são conhecidos hoje. Os cemitérios de Viena (1874), Estocolmo (entre 1915-1940) e os de Père-Lachaise (1804) (**Figura 1**), de Montmartre (1825) e de Montparnasse (1824), em Paris, são exemplo disso. Segundo o autor francês Michel Ragon, grande estudioso dos cemitérios, considera que os cemitérios: “podem ser considerados a segunda morada, onde o túmulo é a casa e o cemitério é a projeção de um quarteirão, de uma vila ou até mesmo de uma cidade.”²



Fig.1 – Cemitério Père-Lachaise, Paris

¹REZENDE, E. C. M. (2006), citado por MARQUES, José (2018), p. 55.

²ROGAN, Michel (1981), citado por MARQUES, José (2018), p. 55.

No continente sul americano, sobretudo no Brasil, os paradigmas cemiteriais são outros movidos pelos sincretismos religiosos, quer pela falta de espaço nas grandes cidades, quer pela mudança de mentalidades perante a morte. São observados cemitérios sem obras de arte ou mausoléus que diferenciam quem ali está enterrado, onde apenas pequenas placas de mármore identificam a sepultura.

Voltando ao cerne da questão, e segundo as autoras brasileiras Samira Osman e Olívia Ribeiro, “o cemitério é um ponto turístico consolidado nos mais diferentes países do mundo.”³ Sempre ouvimos falar de que o cemitério é um espaço sagrado e põe-se a questão de o porquê de haver Turismo Cemiterial. O facto é que sendo assim teremos de deixar de visitar o Panteão Nacional ou o Mosteiro dos Jerónimos onde existem sepulturas. Por outro lado, os cemitérios com características próprias, não atendendo à sua sacralidade, merecem o nosso respeito e admiração, como é o caso do cemitério Judaico de Praga, um lugar à parte da cidade, onde nos sentimos transportados para um mundo diferente em que somos levados a refletir sobre o antes e o depois, o finito e o infinito. **(Figura 2)**



Fig.2 – Cemitério Judaico de Praga

A título de curiosidade, a nível da evolução do Turismo Cemiterial no mundo, o mesmo continua a ser implementado em diversos locais, tendo já na Europa um grande avanço através da criação da *Rota dos Cemitérios Europeus*. Uma das outras entidades mais

³OSMAN, Samira; RIBEIRO, Olívia (2007).

representativas do setor é a Associação dos Cemitérios Significativos da Europa, fundada em Bolonha no ano de 2001, e trata-se de uma rede sem fins lucrativos composta por organizações públicas e privadas que gerem cemitérios de elevada importância histórica e artística na Europa. Como a própria organização define, não se trata de um itinerário estruturado, mas sim da oferta de uma vasta gama de cemitérios abertos ao público, numa tentativa de restaurar, manter e promover os cemitérios mais significativos e singulares europeus, uma vez que os mesmos são considerados museus ao ar livre e de fácil acesso.⁴

No decorrer dos séculos, os cemitérios foram-se tornando em mais do que locais de veneração. Os autores Lennon e Foley sublinham que: “Agora os turistas, mais do que os enlutados familiares, são quem visitam e realizam deslocações organizadas ao cemitério.”⁵ As motivações que levamos visitantes aos cemitérios podem ser diversas, tais como: contemplação de esculturas e artistas de renome ou escultores anónimos; apreciação do nível estético; a amplitude dos espaços ajardinados e bucólicos; a identificação da arquitetura das diversas épocas; a notoriedade de personalidades sepultadas; visitas a campas de entes queridos; obtenção de graças e milagres; eventos culturais baseados em mitos e lendas.⁶

2.1 Turismo Cemiterial Português

Segundo o estudioso em cemitérios portugueses Francisco Queiroz: “Em Portugal o Turismo cemiterial começa a atrair pessoas. Cemitérios históricos são classificados como Património Nacional, os municípios têm o cuidado de preservá-los, dotam-nos com infraestruturas e as visitas guiadas tornam-se comuns.”⁷ Todavia, enquanto os cemitérios europeus continuavam a ter um papel de destaque no âmbito do Turismo Cemiterial, os cemitérios portugueses começam a aparecer aos poucos nos roteiros turísticos das cidades. É exemplo, no Porto, o Cemitério da Irmandade de N^a. S^a Da Lapa (1833) (**Figura 3**) e dos Cemitérios Municipais de Agramonte (1855) e Prado do Repouso (1839), que possuem os recursos comuns aos outros cemitérios europeus no que diz respeito às obras de arte, às personalidades ali sepultadas, etc. No seguimento da curiosidade sobre a criação da Rota Europeia dos Cemitérios, também podemos

⁴ABRANJA, Nuno., ALCÂNTARA, Ana., MARQUES, Ana., FERREIRA, Ricardo (2012).

⁵ LENNON, John; FOLEY, Malcolm (2000), p.77.

⁶ABRANJA, Nuno., ALCÂNTARA, Ana., MARQUES, Ana., FERREIRA, Ricardo (2012),p. 5.

⁷ MARQUES, José (2018), p. 47.

verificar a inclusão destes três cemitérios. Os Cemitérios do Alto de São João e dos Prazeres entraram em outubro de 2023. Contudo, devido a uma menor consciencialização da sociedade portuguesa para com este tema, o interesse pelo turismo cemiterial é algo insipiente.



Fig. 3 – Cemitério da Lapa, Porto

No nosso país, apesar de não haver cemitérios com a mesma dimensão de outros europeus, segundo o autor José Augusto Maia Marques: “(...) existem alguns cemitérios em Portugal que facilmente se podem colocar ao nível dos mais importantes do mundo, aliando a dimensão à qualidade artística e servindo de repositórios historicamente organizados de algumas peças de arquitetura e escultura, do melhor que em Portugal se fez durante o Romantismo.”⁸ Assim, em 2002 e 2003 foram propostos para classificação vários cemitérios portugueses, com base em critérios rigorosos de valor histórico-artístico:

Propostos como monumento nacional: (ver Anexo E)

- O Cemitério da Lapa, no Porto;
- O Cemitério dos Prazeres, em Lisboa;
- O Cemitério Britânico de Lisboa.

Propostos como imóvel de interesse público:

- O Cemitério de Viana do Castelo;
- O Cemitério de Braga;

⁸ QUEIROZ, Francisco (2007), p. 3.

- O Cemitério de Guimarães;
- O Cemitério de Agramonte, no Porto;
- O Cemitério do Prado do Repouso, no Porto;
- O Cemitério de Lamego;
- O Cemitério Central de Aveiro;
- O Cemitério da Conchada, em Coimbra;
- O Cemitério Setentrional da Figueira da Foz;
- O Cemitério de Santo António do Carrascal, em Leiria;
- O Cemitério do Alto de São João, em Lisboa.⁹

Passado alguns anos verifica-se que não foram ainda instruídos os processos para grande parte destes cemitérios, os quais não possuem todos o mesmo potencial turístico. É sabido que o potencial turístico de um cemitério não se pode avaliar somente pelo que contém, mas também pela sua localização, enquadramento urbano e, sobretudo, pelas questões das dissonâncias no seu interior. “Os cemitérios históricos e monumentais são como cidades em miniatura e também possuem os seus centros históricos, frequentemente descaracterizados por obras mais recentes ou pela alteração da própria paisagem original.”¹⁰

Apesar de tudo, o potencial turístico dos melhores cemitérios portugueses está ainda quase por explorar, devido ao facto de alguns cemitérios nacionais não propostos para classificação possuírem um maior potencial turístico do que vários daqueles que foram propostos. É exemplo o Cemitério de S. Dinis, em Vila Real. Por outro lado, é de louvar o reconhecimento dos cemitérios da Lapa, Agramonte, Prado do Repouso e Prazeres, Porto e Lisboa, respetivamente, pelo facto de já terem sido alvo de ações claramente destinadas a uma valorização turística, através da publicação de roteiros e promoção de visitas guiadas. No caso dos Prazeres, parte da capela mortuária foi musealizada e colocada sinalética junto a inúmeros monumentos.¹¹

2.2 As Vantagens do Turismo Cemiterial

São várias as vantagens do turismo baseado nos cemitérios:

- A primeira tem que ver com a visita a locais de elevado significado histórico, literário ou patriótico, como é o caso de túmulos de grandes escritores, músicos, líderes políticos

⁹*Ibid.*, p. 3.

¹⁰*Ibid.*, p. 7.

¹¹*Ibid.*, p. 4.

e ideológicos, ainda que estes túmulos não tenham qualquer interesse artístico. Exemplo disso é o Túmulo do escritor Camilo Castelo Branco (1825-1890), no cemitério da Lapa, e do Túmulo do ator Raul Solnado (1929-2009), no cemitério dos Prazeres;

- A visita a peças de arquitetura e escultura marcantes. Este é um ponto não tão visto nos cemitérios portugueses, em virtude de a maioria dos portugueses desconhecaram o património artístico presente nos cemitérios nacionais e verem-no como um espaço de tristeza, ligada às vivências de cada um. Desta maneira, não é tão mórbido para um estrangeiro visitar um cemitério português, aplicando-se também o inverso. Alguns dos exemplos de arquitetura marcante é o Jazigo dos Viscondes de Valmor e dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia, localizados no Cemitério do Alto de São João;

- O Turismo Cemiterial despertou e desperta a consciência das entidades que tutelam o cemitério, assim como os concessionários dos jazigos, no que diz respeito à sua conservação e restauro.¹²

Em suma, é possível afirmar que os cemitérios não são vividos senão pelos seus visitantes e investir no turismo cemiterial é reinstaurar uma vivência perdida.

¹²*Ibid.*, p. 6.

3. O Cemitério Romântico Português

Os cemitérios oitocentistas, são uma fonte quase inesgotável de História, de Arte e de memórias. São vistos como um museu da morte, onde existem arquivos de pedra e de ferro que contam a história de uma época, de uma cidade, aldeia ou vila. Por conseguinte, o século XIX foi o século das artes e da indústria. É nos cemitérios nacionais que observamos das melhores obras dessa época, não só em ferro ou em cerâmica, mas sobretudo em cantaria. Tal como refere o autor Francisco Queiroz, no seu artigo para o boletim “Amigos de Lisboa de 2000, “(...) no século XIX, existiram construtores de grande qualidade e capacidade, com formação em ornato e em técnicas artísticas aplicadas, que podiam realizar belos monumentos funerários sem a intervenção de qualquer arquiteto ou engenheiro...”¹³

A cidade de Lisboa, a capital, teve os cemitérios que merecia e que faziam jus ao período artístico que se atravessava: amplos, abastados em pormenores curiosos, monumentais, ostentatórios, pitorescos. Exemplo disso são os Cemitérios dos Prazeres e do Alto de São João que muito sobre eles já foi estudado e/ou que ainda está por estudar. Ambos foram, na sua evolução, o espelho de novos modos de pensar e sentir a morte.

Como refere Paula André: “O projeto arquitetónico dos futuros cemitérios é assinado, em 1791, por António Fernandes Rodrigues (1742-1804), apresentando um Campo Santo de planta quadrada (com algumas características que o aproximam do projeto de cemitério público de Turim, traçado em 1781, pelo arquiteto Giuseppe Oglanico), constituído por uma ermida, um pátio e um adro.”¹⁴ No ano de 1793, encontramos um outro projeto para futuros cemitérios escrito pelo conde Leopoldo von Berchtold (1750-1806) em que “ (...) estes deveriam estabelecer-se em locais que recebessem o vento de modo a varrer as exalações das sepulturas sem prejuízo para a cidade (...) que se plantassem em redor de todo o cemitério álamos e salgueiros, árvores que atraem as exalações da terra, e no seu interior arbustos e plantas rasteiras, de modo a não impedir a circulação do ar e a possibilitar a sua purificação.”¹⁵

É sabido, que em finais do século XVIII, Portugal tentava acabar com os enterramentos dentro das Igrejas devido às questões demográficas e higiénicas. Em 1787, o “Intendente Pina Manique terá defendido, juntamente do Governo, a criação de

¹³QUEIROZ, J. Francisco F. (jul/dez. 2000), p.55.

¹⁴ ANDRÉ, Paula (2006),p. 79.

¹⁵*Ibid.*, p. 81.

cemitérios públicos. Só em 1796 surge um decreto ordenado a escolha exata dos terrenos para os cemitérios, a situarem-se na Penha de França e em Campo de Ourique.¹⁶ No entanto, estes planos foram alvos de um grande atraso e foi só nos anos de 1805 e 1806 que foram publicados alvarás proibindo os enterramentos nas igrejas e, em 1813, é que foi recomendado a construção dos cemitérios. Ao mesmo tempo, Portugal atravessava um período conturbado na história com a guerra entre liberais e absolutistas, liderados por D. Pedro IV e D. Miguel, respetivamente (1832-1834), o que não favoreceu em nada o processo de construção destes cemitérios devidos às questões religiosas que ambos rivalizavam, uma vez que “os liberais queriam retirar ao clero o privilégio da morte, laicizando-a, desviando receitas para a administração pública e resolvendo simultaneamente os problemas de higiene que as antigas formas de inumação colocavam.”¹⁷ Também, no ano de 1833, devido à epidemia mortífera, os enterramentos foram rapidamente lotados e foram então construídos lugares provisórios de enterramento: Cemitério dos Prazeres e do Alto de São João.

Com efeito, só em 21 de Setembro de 1835, após o final da guerra civil e o triunfo definitivo dos Liberais foi publicado, por Rodrigo da Fonseca Guimarães, “o decreto que criou oficialmente os cemitérios públicos, proibindo inumações nas Igrejas e, igualmente, dentro das povoações.”¹⁸ Apenas na cidade de Lisboa, onde havia mais desenvolvimento urbano e a presença de outros cemitérios no exterior de algumas igrejas como, por exemplo, “(...) o das Mercês, o dos Padecentes, o das Terras de Campo de Ourique (Cemitério dos Soldados), o do Hospital e o das Terras de Pedro Teixeira (na Ajuda) (...)”¹⁹, presenciou-se o aceleração da construção dos cemitérios, uma vez que nas províncias o processo de laicização estava bastante retardado. É nesta altura que os cemitérios provisórios passaram a ser administrados pela Câmara Municipal de Lisboa e passam a ser chamados “cemitérios públicos”.

Os dois cemitérios públicos de Lisboa estabelecidos na terceira década do séc. XIX, cemitério público do lado Ocidental da cidade, no sítio dos Prazeres e cemitério público do lado Oriental no Alto de São João, “converteram-se em cenários da nova monumentalidade civil e serão, simultaneamente, promotores de crescimento urbano emotores desmultiplicadores do centro da cidade.”²⁰

¹⁶QUEIROZ, J. Francisco F. (dez. 1999), p.88.

¹⁷*Ibid.*, p. 89.

¹⁸*Ibid.*

¹⁹*Ibid.*, p. 90.

²⁰ANDRÉ, Paula (2006), p. 84.

Estes cemitérios inseriram-se em duas zonas periféricas da cidade, constituídas por quintas e pequenos aglomerados populacionais devido às indústrias. Um na zona de Campo de Ourique e outro na da Penha de França, que “rompem a imagem mental da forma unitária da cidade, e tornam-se potenciais focos direcionais do crescimento urbano.”²¹

É evidente que existem diversos projetos de ordenamento de espaço para estes cemitérios, pelo que o Cemitério dos Prazeres compreendeu os seguintes projetos:

- As providências publicadas, em 1834, na Gazeta Oficial do Governo, “revelam-se como uma espécie de pré-modelo formal e regulamentar dos cemitérios públicos em que os cemitérios têm de ter forma regular, com pórtico fechado e inscrição que declare a natureza do estabelecimento e o ano de fundação. Haverá mais uma decente ermida, e casas próprias para habitação dos empregados; o terreno de dentro dos muros dos cemitérios será repartido em três divisões, que em tempo oportuno se adornarão de árvores: primeiro terreno para se abrirem as valas para os enterramentos gerais; segunda para sepulturas razas, nas quais será unicamente permitido colocar um rótulo designando o número da sepultura; terceiro terreno para se levantarem mausoléus, ou colocar lápides com inscrições.”²²

- “Em 1838, a Câmara mandaria vir de França o projeto do regulamento interno do Cemitério do Père-Lachaise (1804) e encarregaria o seu arquiteto de dividir o terreno interno em ruas bordadas de arvoredo e monumentos (...) Nesse projeto há uma clara intenção de transformar o espaço cemiterial num espaço regular e simétrico, com um central que atravessa todo o espaço, partindo de uma nova entrada, seguindo para um largo central, no qual se implantaria uma nova capela, e que se prolongaria até ao extremo oposto ao da entrada.”²³

Assim sendo, não passou despercebida a obra “Memória sobre a inconveniência dos enterros nas igrejas e utilidade da construção de cemitérios”, publicada em 1835, pelo médico Francisco d’Assis de Sousa Vaz (1797-1870) onde apresenta o conceito de Cemitério Como Atheneu Histórico e Museu da Morte. Sousa Vaz refere: “(...) o espaço cemiterial oferecia às famílias mais abastadas um vasto campo da natureza privilegiado para a construção dos seus túmulos debaixo da direção das Belas-Artes, tornando-os assim monumentos (...) As famílias desejando incessantemente exceder-se

²¹*Ibid.*

²²*Ibid.*, p.85.

²³*Ibid.*, p.86.

umas às outras promoveriam, com as suas encomendas, a abertura de um novo campo de artes, estimulariam a produção dos artistas, que certamente quereriam rivalizar entre si com suas obras, e concorreriam para fazer imprimir nas artes progressos espantosos. Essa seria uma grande ocasião para Portugal ombrear com as demais nações.”²⁴ É de evidenciar o desejo deste médico em que o Governo transportasse para os cemitérios os corpos daqueles cuja vida teria merecido a Pátria e lhes erguesse os mais belos monumentos. De origem excepcional, o jazigo da Família do Duque de Palmela (**Figura 4**) permite-nos entrar num mundo de personalidades artísticas. “Em 1845, a Câmara Municipal de Lisboa acordava que se aceitasse “a oferta” feita por D. Pedro de Sousa Holstein (1781-1850), 1.º Duque de Palmela, de “juntar ao cemitério dos Prazeres um terreno de 500 palmos quadrados, edificando em parte dele um túmulo para sua família. Esta construção funerária teria assim uma origem de exceção, ao ser erguida em terreno privado que, embora se torne municipal, manterá a sua imagem de “território privado”, não só pela dimensão do jazigo, mas sobretudo pela organização do conjunto arquitetónico.”²⁵



Fig. 4 – Jazigo dos Duques de Palmela, Cemitério dos Prazeres, Lisboa

Sob outra perspectiva, o escritor romântico António Feliciano de Castilho (1800-1875) mostrou-se incomodado com o ordenamento interno do espaço cemiterial, afirmando que “esse gosto pela simetria é o estafado plano dos arruamentos do pautadíssimo Marquez de Pombal, transferidos da cidade viva, contrafeita e forçada, para a cidade defunta libérrima e igualíssima.”²⁶ Segundo o escritor, o modelo a seguir, seria o dos

²⁴*Ibid.*, pp. 87-88.

²⁵*Ibid.*, p. 93.

²⁶*Ibid.*, p. 88.

cemitérios protestantes, nomeadamente os suíços, denunciando uma estética romântica, especialmente no que diz respeito à relação do homem com a natureza.

A construção deste cemitério trouxe alguma contestação por parte de alguns críticos. Feliciano de Castilho defendia o modelo de cemitério protestante, enquanto o autor Ribeiro de Sá mostra-se indignado com a arquitetura praticada nos cemitérios em que revela que os cemitérios deveriam ser “templos dos mortos (...) nem uma só inspiração do céu, nem uma única saudade que a arte haja transformado em maravilhoso monumento.”²⁷

Segundo Simões Ferreira: “Também são diferentes das iniciais características básicas do traçado tipo-morfológico de um e outro: o dos Prazeres, ao princípio, de configuração global formando um pentágono irregular, obedece, nessa zona mais antiga, ao esquema irradiante tridentino, com as ruas ou áleas divergindo a partir da entrada e do largo onde se localizava a antiga Ermida que lhe deu o nome; o do Alto de São João, é um esquema simples, de configuração global formando um quadrilátero semi-quadrado, sendo o esquema morfológico de base, o adoptado pelos cemitérios de aldeia, ou seja, os cemitérios populares, divididos em quatro setores por dois caminhos cruzados ortogonalmente e com capela, disposta de frente para a entrada, situada na espécie de praça formada pelo cruzamento de dois caminhos.”²⁸

Numa síntese simples e redutora, pode-se dizer-se que “o Cemitério dos Prazeres foi o Cemitério da Monarquia Liberal e Constitucional, e o Alto de São João, o da República.”²⁹

Após a construção destes cemitérios começaram a surgir os primeiros monumentos. Na verdade, as estéticas de Lisboa dominaram toda a arte funerária oitocentista em Portugal. Porém, acima do Mondego essa influência é diminuta e é a cidade do Porto o grande difusor de estéticas. Deste modo, os cemitérios de Lisboa eram o modelo e tudo o resto era pouco cosmopolita. Em ambos os cemitérios, o tipo de arquitetura cemiterial dominante é o de cemitério-museu cruzado com o de cemitério-jardim, ou seja, uma solução que resulta da mistura de ambas as ideias e imagem, um pouco à maneira francesa, tendo sido os cemitérios franceses que estavam na mira dos seus projetistas e construtores, embora haja alguma contribuição das experiências espanholas e de certa arquitetura claustral portuguesa. O cemitério português, o das grandes cidades, é o mais

²⁷ RIBEIRO DE SÁ, S. J.(1843), pp. 103-104.

²⁸ FERREIRA SIMÕES, J. M. (2009), pp.1046-1047.

²⁹ *Ibid.*, p. 1048.

urbano de todos os cemitérios ocidentais. Atualmente, o Cemitério dos Prazeres é o Cemitério-Museu nacional e o do Alto de São João para lá caminha.³⁰

É sabido que “os modelos da arte funerária Romântica de Lisboa baseavam-se sobretudo na arte funerária que se fazia em França.”³¹ As estéticas tinham como material o lioz, que preenchia as ruas dos dois grandes cemitérios da cidade e ajudava a criar um ambiente romântico. Tal como referido, os primeiros monumentos construídos nos cemitérios da capital inspiraram-se em modelos franceses que – tal como evidente no artigo de Queiróz – “(...) se basearam nas tipologias clássicas e egípcias, como no caso do obelisco. Na sua maioria, são de pequenos mausoléus em forma de obelisco ou estela (...) Logo depois, surgem os monumentos com linguagens revivalistas neogóticas, os quais também possuem influências francesas claras. Os jazigos em forma de capela começam a surgir e vão-se assumindo como a forma preferida de jazigo familiar por parte dos lisboetas.”³² No que diz respeito às capelas, o mais interessante conjunto monumental fúnebre existente em Portugal, também foram influenciadas pela estética francesa e são caracterizadas por construções miniaturais em mármore, com portão de um só batente. O interior não tem qualquer espaço de circulação e a visibilidade para o exterior é reduzida, uma vez que os portões são em chapa de ferro, “com pequenas aberturas guarnecidas de peças em ferro fundido, peças essas geralmente de iconografia fúnebre.”³³ Outra grande característica é a colocação dos epitáfios no exterior, em almofadas de cantaria desenhadas para o efeito. Uma outra hierarquia se faz notar, que é a da implantação dos monumentos funerários mais importantes junto às entradas e às capelas, e decrescendo em importância à medida que se afastam desses pontos mais recônditos, se situavam as valas comuns, e hoje, as sepulturas temporárias por cinco anos.

Os edifícios singulares, as tipologias tumulares dominantes, os materiais, a iconografia, e a decoração arbórea, arbustiva e floral são do mesmo tipo em todos os cemitérios portugueses. Como refere Simões Ferreira: “No dos Prazeres sobressai o maciço de ciprestes, que é considerado a maior e mais concentrada mancha verde deste tipo em toda a Europa, e tem uma importância visual absolutamente notável (...) principalmente para quem vê Lisboa a partir da ponte sobre o Tejo, ou através de outra banda; o do Alto de São João singulariza-se pelas acácias, árvores afectas à iconografia e simbologia

³⁰*Ibid.*

³¹QUEIROZ, J. Francisco. F (1999), p.95.

³²*Ibid.*, p. 91.

³³*Ibid.*

Franco-Maçonaria (...) e quase só serem perceptíveis do interior do cemitério, como árvores de pequeno porte que são.”³⁴

A grande questão é quem é que poderia desenhar e construir estes primeiros túmulos. Consta que em 1836, com a criação Setembrista da Academia Nacional de Belas-Artes, “transitaram homens como é o caso de João Pires da Fonte (1796-1873) e José da Costa Sequeira (1800-1872) que prolongaram a estética neoclássica estipulada nos estatutos da Academia.”³⁵

Por outro lado, na cidade invicta observamos algumas diferenças relativamente à capital. O primeiro cemitério a receber construções foi o da Lapa, criado no ano de 1833 e assumido como um cemitério de elite. Comparando com o cemitério dos Prazeres, é um cemitério privativo, pensado para ser um cemitério moderno, que recebeu os primeiros monumentos em 1839. Nos primeiros tempos recebeu três mausoléus erigidos em Lisboa, bem como outras obras, como por exemplo: o monumento de José Ferreira Borges, ao Bispo D. Manuel de Santa Inês e à finada mulher do cirurgião António de Andrade. No entanto, estas obras de arte tiveram uma influência muito localizada e serviu de inspiração para todos os outros cemitérios do norte do país. De salientar, também, que as grades destes monumentos foram feitas no Porto, um fenómeno que se prolongou pela época romântica, que foi utilizado nas construções dos demais cemitérios nacionais. Seguidamente, ao contrário das construções e características existentes nos cemitérios de Lisboa, “as capelas têm uma dimensão maior, o ferro fundido é utilizado nos portões austeros espaçados entre si que permitem uma visibilidade quase completa para o interior. No que concerne aos epitáfios, são colocados nas placas de fecho dos gavetões que encerravam os caixões, já que a visibilidade para o interior era intencional.”³⁶ Em seguida, o material mais utilizado é o granito e o tipo de urbanismo é diferente, dado que o jazigo-capela foi concebido no Porto como um monumento de grandes dimensões e notamos mais influências inglesas nos seus monumentos.

Por fim, é claro que alguns cemitérios portugueses conseguiram resistir à invasão destas estéticas estereotipadas, quando a arte funerária lisboeta começou a entrar em decadência, em finais do século XIX. Estes cemitérios são considerados os mais importantes a nível nacional, uma vez que foram capazes de criar unidades estilísticas

³⁴FERREIRA SIMÕES, J. M (2009), p. 1048.

³⁵ANDRÉ, Paula (2006),p. 92.

³⁶QUEIROZ, J. Francisco. F (1999), p. 94

claramente portuguesas. Assim como escreve Francisco Queiroz: “(...) deambular pelos Prazeres é semelhante a deambular pelo Père-Lachaise. Porém, cemitérios como o de Leiria ou como o da Lapa (no Porto), são demasiado estranhos aos modelos internacionais para que um visitante conhecedor possa ficar indiferente. Os materiais locais são os preferidos, as “modas” fúnebres de Lisboa apenas espreitam aqui e ali em pequenos apontamentos arquitetónicos.”³⁷

Consequentemente, a nível mais restrito, algumas cidades e vilas portuguesas conseguiram criar cemitérios nos arredores dando origem a pequenas áreas estilísticas: o triângulo Aveiro - Ovar - Águeda, com claras influências estéticas portuenses, mas que apresentam um outro tipo de especificidades; o eixo Leiria - Batalha, com monumentos de grandes dimensões em pedra calcária da região e, por fim, o eixo artístico do Baixo Mondego, também com outras características, especialmente em Coimbra cujo cemitérios são muito influenciados pelos restauros nos monumentos renascentistas da cidade.

³⁷*Ibid.*, p. 96.

4. Cemitério do Alto de São João

A crescente mortalidade da população lisboeta, em 1833, causada por um surto epidémico de cólera, levou à criação do Cemitério do Alto de São João para suprir as necessidades da zona oriental da cidade. Com o decreto de 1835, que obriga a construção de cemitérios públicos, o cemitério do Alto de São João “não continha organização, onde só eram sepultados alguns “corajosos” ou pobres indigentes.”³⁸

A data oficial para a abertura deste cemitério é a de 1841, tal como consta da epígrafe no respetivo portal da entrada (**Figura 5**). Situado num dos limites do município de Lisboa, o Alto de São João reunia um requisito fundamental: situava-se, por razões higiénicas, na periferia da cidade. Conforme informação da DGPC: (...) o cemitério ocupava apenas o núcleo central do atual recinto (...) na planta de Lisboa de 1911, de Silva Pinto, já é evidente a ampliação deste cemitério, feita à custa de terrenos conquistados às quintas limítrofes.”³⁹ No seguimento da sua data de construção, é de referir que decorria o período artístico do Romantismo, sendo possível constatar isso no desenvolvimento do recinto que respeitou o modelo francês do cemitério Père-Lachaise, em Paris.

Estima-se que, pelas características sociais da área da cidade onde se implanta este cemitério, o Alto de São João servia o Hospital de São José recebendo muitos corpos de indigentes destinados às valas comuns: entre 1874 e 1878, 60,40% do movimento total do Alto de São João eram enterramentos em valas.⁴⁰

Segundo informação da DGPC, o cemitério do Alto de São João “ocupa hoje cerca de 22 hectares de terreno, constituindo o maior cemitério de Lisboa. As suas mais de 16 000 sepulturas, de diversas tipologias, encontram-se distribuídas por uma mancha verde (...) e hoje arborizada com diversas espécies de grande porte, incluindo ciprestes, eucaliptos, robínias, alfarrobeiras e jacarandás.”⁴¹ Também é de realçar que é neste cemitério se situa o maior conjunto de jazigos românticos do país, depois do cemitério dos Prazeres, incluindo monumentos funerários de grande valor patrimonial, estando neles sepultadas personagens de relevante dimensão histórica. Consequentemente, tanto o Alto de São João como os Prazeres seguiram o exemplo dos cemitérios com o conceito de “Atheneu Histórico, Museu da Morte e Cidade dos Mortos.”⁴², à

³⁸*Ibid.*, p.90.

³⁹ DGPC (2015), p.10.

⁴⁰*Ibid.*, p. 12.

⁴¹*Ibid.*

⁴²VAZ, Francisco de Assis Sousa (1835).

semelhança dos grandes cemitérios da capital francesa que têm como características principais a grande abertura por entradas monumentais, rodeados por sólidos muros, compostos por túmulos distribuídos ao longo de ruas regulares e enquadrados por uma paisagem arborizada.

Com efeito, tal como referido, o Alto de São João desenvolveu-se em diversas etapas. “ (...) uma primeira, entre os anos de 1839 e 1841, cujo espaço é regular e simétrico (...). A segunda etapa, de finais do século XIX e início do XX, diz respeito à expansão da primeira fase para os lados e para as traseiras do recinto (...) A terceira etapa, que decorreu ao longo do século XX, implicou a expansão de terreno para noroeste, respeitando a malha ortogonal, seguida pela ocupação de terrenos a este com secções para inumação (...) Por fim, deu-se a ocupação recente dos últimos territórios a nordeste, ao longo da encosta do vale, distinta pelas grandes dimensões dos talhões.”⁴³ Hoje em dia é possível identificar a estrutura principal e mais antiga do cemitério que é detentora dos tipos de sepulturas com maior antiguidade e interesse patrimonial, constituídos por jazigos-capela. É sabido que os talhões de inumação localizam-se nas áreas correspondentes às ampliações do recinto. A nordeste, os talhões assumem-se como plataformas elevadas e individualizadas. Em termos de mobilidade, o cemitério é acessível por uma única entrada, ladeada por um edifício de apoio de sala de espera e serviços administrativos (**Figura 6**). A partir desta zona é possível aceder ao espaço central que nos conduz aos jazigos dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (à esquerda) e dos Viscondes de Valmor (à direita) (**Figuras 7-8**). Seguidamente, ao fundo damos conta com o Crematório, primeiro do género em Portugal. Sabe-se que a partir dos anos 70 do século XIX, começou a ser discutida a criação de um forno crematório em território nacional, com os mesmos argumentos que foram utilizados em relação à higiene e à defesa da criação de cemitérios públicos em oposição aos enterramentos no interior das igrejas. Entre 1911 e 1925 é o período da sua construção. A primeira cremação ocorre a 28 de novembro de 1925 e as suas primeiras cremações ocorreram entre 1925 e 1936. Devido ao período do Estado Novo (1933-1974), o forno deixou de funcionar e só a partir do ano de 1985 é que a Câmara Municipal de Lisboa o reativou e foram realizadas as cremações do escritor “José Saramago, Prémio Nobel da

⁴³ DGPC (2015), pp. 14-15.

Literatura, em 2010, bem como de Álvaro Cunhal, político antifascista e ministro nos primeiros quatro governos provisórios, em 2005.⁴⁴

É de referir que com a ascensão do republicanismo e anticlericalismo, a partir do último quartel do século XIX, que elegeu o Cemitério Oriental como o seu cemitério privilegiando-o com os túmulos dos seus homens notáveis. Foi também o cemitério escolhido dos combatentes da 1.ª Grande Guerra, 1914-1918, quer da Guerra Colonial de 1961-1974.⁴⁵



Fig. 2 - Inscrição do ano de abertura no portal da entrada do cemitério



Fig. 6 – Edifício dos serviços administrativos

⁴⁴ Site Cemitério ASJ. Disponível em: <https://informacoeseservicos.lisboa.pt/contactos/diretorio-da-cidade/cemiterio-alto-de-sao-joao>

⁴⁵ Ferreira Simões, J. M (2009), p. 1045.



Fig. 7 – Jazigo dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa



Fig. 8 – Jazigo dos Viscondes de Valmor

4.1 A Arte e a Arquitetura do Alto de São João

O cemitério oitocentista Alto de São João assume-se sobretudo como uma cidade de pedra com jazigos distribuídos por ruas ordenadas (**Figuras 9-10**), sendo que os primeiros datam o ano de 1839, e onde a natureza é subordinada à monumentalidade ostentativa (**Figura 11**). O romantismo francês é visto nos jazigos-capela, em que ressalta a proporção do uso da escultura e dos relevos. De acordo com informação da DGPC, o “ASJ reúne alguns dos mais significativos núcleos da produção de escultura funerária da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do século XX.”⁴⁶

Como mencionado no capítulo da história do cemitério, acede-se ao recinto por uma entrada monumental (**Figura 12**) em que avistamos os dois grandes monumentos, o Jazigo dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia e o Jazigo dos Viscondes de Valmor, e o crematório ao fundo, do lado esquerdo. Também é observável ao fundo desta mesma entrada a capela (**Figura 13**), um edifício de singelo desenho neoclássico, que até à “carta de Lisboa de 1911 de Silva Pinto é desenhada como um edifício retangular que posteriormente são acrescentadas, no piso térreo, dependências laterais e posteriores, em torno da cabeceira. A partir do ano de 1911, a capela contém a representação da cruz latina e vão ser preenchidos os vãos exteriores entre os braços laterais e a cabeceira saliente com salas em quarto de círculo.”⁴⁷ Junto da capela situa-se

⁴⁶DGPC (2015), p. 18.

⁴⁷*Ibid.*, p. 19.

o edifício do crematório cuja autoria é desconhecida. A construção “utilizando linguagem *déco* e assumindo uma modernidade que ultrapassa o pastiche eclético, traduz também considerações de ordem simbólica, manifestas através da utilização da cúpula e da afirmação da chaminé como um elemento vertical claramente decisivo na composição arquitetónica e na marcação territorial do edifício.”⁴⁸ **(Figura 14)**

No que diz respeito aos monumentos funerários, das primeiras décadas de funcionamento do cemitério, os seus modelos são semelhantes àqueles construídos nos cemitérios franceses no qual é retratado a Antiguidade Clássica e Arte Gótica. Em relação às construções de maiores dimensões, o mais adotado é o jazigo-capela gótico – e particularmente no caso do Alto de São João – aquele que “imita um templo grego ou romano, com as suas colunas dóricas, jónicas e coríntias e/ou (...) com as suas esculturas esculpidas dentro do padrão greco-romano, bustos, brasões, memoriais de gosto clássico, ou apontamentos como vasos, ânforas, pedestais e colunas partidas.”⁴⁹

(Figura 15)

No decorrer da história, as invasões napoleónicas (1803-1815), e o impacto que tiveram em França e na Europa, traduziram o pensamento de variadíssimos filósofos, autores e historiadores. Posto isto, foram multiplicados nos cemitérios lisboetas monumentos com pirâmides, cipos, monópteros, frontões e colunatas, ou seja, uma influência artística egípcia e oriental. “Entre os túmulos de menores dimensões, o modelo mais repetido no cemitério é o jazigo-agulha, composto por plinto de secção quadrada sobre o qual assenta um obelisco e encimado por uma cruz ou urna.”⁵⁰ **(Figura 16)** A maioria destes jazigos eram decorados com a simbologia fúnebre que irá ser explicada mais adiante.

Por último, no que concerne aos jazigos “habitacionais”, a maior parte destes são edifícios, semelhantes a pequenas casas com apontamentos decorativos, no qual as janelas e portas são contornadas com molduras em pedra, os telhados com beirados, entre outras características que estão referidas mais abaixo.

Em síntese, para além daqueles que já foram referidos, também é de se destacar outras tipologias encontradas nos jazigos do Cemitério do Alto de São João:

- Jazigo subterrâneo com Estela;
- Jazigo subterrâneo com Obelisco;
- Jazigo subterrâneo com Monumento;

⁴⁸ OLIVEIRA, Maria Manuel (2007), p. 157.

⁴⁹ DGPC (2015), p. 21.

⁵⁰ *Ibid.*, p.22.

- Jazigo Capela;



Fig. 9 – Ruas do cemitério do Alto de São João



Fig. 10 – Ruas do cemitério do Alto de São João



Fig. 11 – Pormenor das árvores do cemitério do Alto de São João



Fig.12 – Rua principal do cemitério do Alto de São João



Fig. 13 – Fachada principal da capela do cemitério do Alto de São João



Fig. 14 – Chaminé do crematório



Fig. 15 – Exemplo de um jazigo-capela



Fig. 16 – Exemplo de um jazigo-agulha

4.2 Principais Estilos Artísticos

O Alto de São João é um bom exemplo de evolução das tipologias e estilos onde podemos encontrar peças desde o Neoclássico até à Arte Nova e Modernismo.

Em primeiro lugar, o estilo neoclássico (**Figura 17**) que é representada pelo templo ou por uma feição greco-romana. Os exemplos de maiores dimensões apresentam um traçado composto, com protilo e corpo retangular. As fachadas são constituídas por um frontão retangular e entablamento sobre colunas.⁵¹ As colunas são divididas em ordens: A ordem dórica, a mais antiga, e tanto o fuste como o capitel são simples e sóbrios; a ordem jónica em que o seu capitel contém volutas esculpidas em espiral; a ordem coríntia, a mais popular de todas, e o seu capitel é adornado com folhas de acanto. Alguns mausoléus mostram cariátides, em vez de colunas, figuras femininas esculpidas que sustentam um entablamento sobre a sua cabeça.⁵²

Em segundo, a o estilo neorromântico e neobizantino que são caracterizados por uma fachada principal rasgada por portal em arco de volta perfeita assente sobre colunas de capitéis com formas vegetalistas e em outros casos coberturas com cúpulas e ornamentação com círculos com cruces. Exemplo deste tipo de arquitetura é o Jazigo do Visconde de Valmor que se encontra à direita da entrada principal do cemitério.⁵³ (**Figura 18**)

Em terceiro lugar, a arquitetura neogótica, em que está incluída a estética neomanuelina. Estas edificações mostram uma estética intrincada e espiritual. No século XIX houve um renascimento do estilo gótico em que a representação é de uma fachada principal rasgada por vão em arco trilobado e com linhas verticais, com pilares e colunelos delgados, arcos e arquivoltas ogivais e pináculos.⁵⁴ Também podemos admirar os amplos vitrais, agulhas pontiagudas, as quimeras – figuras grotescas – e estátuas de seres fabulosos. (**Figura 19**)

Em quarto, o estilo nacionalista ou “Estado Novo”. A maioria destes jazigos lembram as casas familiares com varandins, alpendres, canteiros, coberturas de água inclinadas, telhados beirado, cata-ventos e, principalmente, painéis de azulejos com as mais variadas representações de igrejas da aldeia⁵⁵ e/ou outras que simbolizam o momento de

⁵¹*Ibid.*

⁵²ELÍAS, Fátima (2019), p. 215.

⁵³ DGPC (2015), p. 31.

⁵⁴*Ibid.*

⁵⁵*Ibid*, p. 32.

despedida de alguém (**Figura 20**). É de evidenciar que decorre um estudo que revela que as Casas Portuguesas são anteriores ao Estado Novo.

Em quinto lugar, e por último, a influência de Arte Nova e, nomeadamente, Arte *Déco* – apócope do francês *arts décoratifs* – é correlativo ao modernismo. É diferente de tudo o que foi dito acima e evoca o luxo e elegância. É um estilo arquitetónico muito marcante devido às influências egípcias, greco-romanas, pela indústria e pelo cubismo. A decoração das fachadas é considerável e resgata formas de natureza como palmeiras e os baixos-relevos combinam-se com desenhos geométricos e angulosos como a pirâmide.⁵⁶ No que diz respeito à arte tumular, a maior parte dos jazigos são construídos em betão armado, com estruturas austeras. A decoração contém diferenças no que diz respeito à Arte Nova em que é perceptível as linhas curvas, esculturas, ferro, vitrais e, no caso da Arte *Déco*, é geométrica e racional, com linhas verticais, escalonamentos e elementos egípcios e gregos estilizados.⁵⁷ (**Figura 21**).



Fig. 17– Jazigo neoclássico

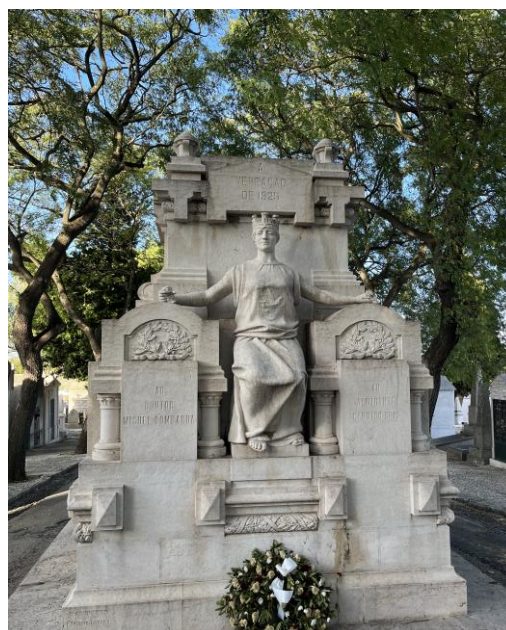


Fig.18 – Jazigo neobizantino

⁵⁶ELÍAS, Fátima (2019), p. 220.

⁵⁷DGPC (2015), p. 32



Fig. 19 – Jazigo neogótico



Fig. 20 – Jazigo do período da 1ª República

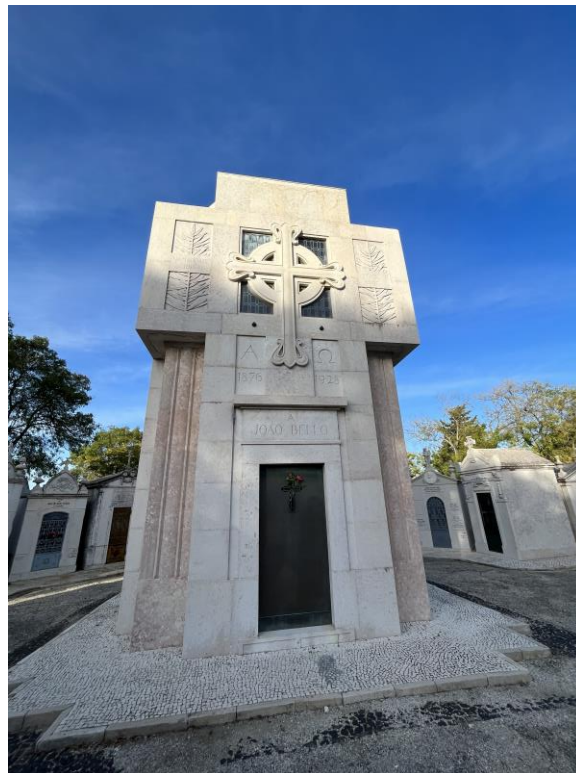


Fig. 21 – Jazigo de influência de Arte Dèco

5. A Simbologia Tumular

Os cemitérios ocupam um lugar de destaque num conjunto de trabalhos centrados em diversas áreas – História Económica e Social, Arquitetura e Belas Artes, Genealogia e Heráldica, Saúde Pública e Epidemiologia. São considerados o espaço privilegiado para abordar relações familiares, sociais e económicas e as próprias políticas higienistas e de salubridade que conheceram o seu auge a partir do último quartel de Oitocentos.⁵⁸

A maioria das pessoas quando entra num cemitério sente sempre qualquer coisa de diferente, tais como as variadas sensações, umas vezes ligadas a memórias, outras a religiões, ideias e histórias, outras a encontros e desencontros, muitas vezes a despedidas ou a um simples adeus.⁵⁹ Segundo o prefácio, escrito pelo Vereador Sá Fernandes, do Livro “Flores de Pedra”, o importante é olhar para o que está representado e caracterizado no jazigo e não olhar a quem está ali enterrado: “Podemo-nos iludir que também num cemitério existem ricos e pobres, pessoas educadas e outras desmazeladas, pessoas ilustres e pessoas esquecidas. Na verdade, vemos jazigos sumptuosos e outros abandonados, sepulturas e gavetas ornamentadas e arranjadas, outras sujas e desprezadas, e urnas com pedras preciosas e despojadas, ambas a guardar cinzas das cremações. Há epígrafes eruditas e gloriosos, outros populares, uns são mais elaborados outros mais simples. Mas de uma coisa temos a certeza, seja qual for o aspeto ou a condição, todos os que ali chegam – ao sono eterno – têm o mesmo destino físico...”⁶⁰

A simbologia tumular funerária, que teve em Portugal o seu apogeu a partir de meados de Oitocentos, percorrendo várias décadas até ao primeiro quartel do século XX, configura, muitas vezes, uma relação estreita entre a cultura do século XIX, a Antiguidade Clássica e a tradição judaico-cristã, que se consubstancia num espaço concreto – o túmulo. O túmulo oferece uma duplicidade de significados, ou seja, marca a passagem entre o mundo terreno e o dito “outro mundo” que faz a ligação entre um passado e um presente que continua a vivenciar-se das mais variadas formas e simbolismos.⁶¹

O termo símbolo tem origem no grego *symbolon*, designa um tipo de signo, ou sinal, em que uma realidade é representada por algo abstrato. O símbolo é um elemento essencial

⁵⁸FERNANDES, Adília, (2018), p. 228.

⁵⁹ MONTEIRO, Gisela., MESQUITA, Sandra, (2020),p. 8.

⁶⁰*Ibid.*

⁶¹FERNANDES, Adília, (2018),p. 229.

no processo de comunicação e esta pode ser feita utilizando-se materiais variados, como mármore, granito, ferro fundido e bronze. Seguidamente, a simbologia tumular procura testemunhar, de modo lapidar, aspetos da vida dos falecidos ou dos desejos que a memória pretende perpetuar, tal como as suas virtudes e qualidades demonstrados na vida terrena. Na sua generalidade a simbologia tumular evoca três grandes características: a pureza e a inocência; a vitória e o triunfalismo; a dor e o martírio.

Tem que se ter em conta que os símbolos encontrados nos cemitérios portugueses têm definições diferentes daqueles vistos nos cemitérios internacionais e, nomeadamente, de outras religiões.

5.1 A Simbologia no Cemitério do Alto de São João

A cidade de Lisboa possui sete cemitérios públicos (Alto de São João, Prazeres, Ajuda, Benfica, Olivais, Lumiar e Carnide) e cada um deles com um número vastíssimo de jazigos. O cemitério do Alto de São João contém perto de 6.500 jazigos e, a maior parte, abrange símbolos desconhecidos, com significados bastante interessantes. Muitos deles têm que ver com a história da família, outros com a profissão de quem está enterrado, também com o gosto pessoal e com a religião.

É importante saber que os símbolos abrangem variados temas:

- **A flora:** As flores tão belas e efémeras, lembram-nos a fragilidade da nossa própria existência. Os egípcios empregavam-nas nos seus ritos funerários, por que pensavam que os seus aromas facilitavam a execução dos feitiços. Na Grécia clássica, Pitágoras atribuiu-lhes a alma e espalhavam-nas sobre as sepulturas. Já em Roma Antiga, o velório do falecido durava oito dias, então o cadáver era coberto de flores porque embelezavam e camuflavam o cheiro da decomposição. Na Idade Média, as flores passaram a ser um vínculo socialmente perfeito para expressar as emoções e a cada flor era atribuído um significado, mais tarde adaptado ao Cristianismo.⁶² Em Portugal, conhece-se a representação de variadas flores como, por exemplo, as Rosas, Cravos, Papoilas, as Saudades e as Perpétuas. A Papoila é uma das flores mais figuradas na tumulária. Graças a esta planta, homens e deuses são conduzidos ao sonho, do benéfico, mas, simultaneamente, são instrumentos de mentiras e subterfúgios. As flores e as cápsulas da papoila estão relacionadas com o sonho, traído pela morte, especialmente

⁶²ELÍAS, Fátima (2019), pp. 25-26.

patente na decoração de muitos monumentos funerários (ver **Anexo F**). Correspondendo aos elementos florais mais comuns na tumulária portuguesa do século XIX, estão as Saudades e as Perpétuas cuja sua representação relaciona-se com a própria nomenclatura de ambas as plantas – perpétua saudade.⁶³ A saudade é das poucas flores cujo significado está no próprio nome: saudade. Também representa o luto. É muito rara a sua representação em contexto cemiterial fora de Portugal. Representa o luto, pois sendo o roxo a sua cor mais comum e sendo essa uma das cores utilizadas pelas viúvas no século XIX na cultura ocidental para o chamado luto aliviado. Para além de ser vista nos cemitérios, também era um símbolo muito conhecido desde a frontispícios de livros a azulejos. Por outro lado, não existe apenas a representação de flores, como também existe a de árvores simbólicas: Salgueiro-Chorão, Carvalho.

- **A fauna:** Na Antiguidade, a crença em animais mágicos e sagrados era muito difundida. Criaturas como dragões, estavam associados a fenómenos naturais como ventos, raios, terremotos, maremotos. As harpias aterrorizavam a população por serem embaixadoras da má sorte e da morte e os mais odiados conviviam com os humanos, como os porcos e as formigas. Os animais que possuíam o dom sagrado eram porque acompanhavam os deuses e certas qualidades que hoje atribuímos aos animais vêm dos atributos dos deuses que os possuíam, como a águia e o leão. Os cristãos adaptaram o zoomorfismo⁶⁴ como uma analogia que plasmava a natureza de Deus, como o leão, o cordeiro e a pomba. Já a serpente representa o anjo caído Lúcifer. Na imaginária funerária, os animais são os acompanhantes dos mortos para o outro mundo, uma vez que diversos estudos apontaram que os restos humanos eram acompanhados por esqueletos completos de animais de diferentes espécies. (ver **Anexo G**)

Para além dos animais referidos, nos cemitérios portugueses verifica-se muito a representação de mochos. Na simbologia fúnebre, os mochos são o emblema da sabedoria e da vigilância, no qual significa que por detrás da lápide estão os restos de uma pessoa erudita. É através da mitologia greco-romana que o mocho vai influenciar todo o século XIX como o ícone do conhecimento, porque era atribuído à deusa da Sabedoria Atena/Minerva.⁶⁵ (ver **Anexo H**)

⁶³FERNANDES, Adília (2018), p. 233.

⁶⁴Crença popular que admite a transformação do homem noutra animal. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/zoomorfismo>

⁶⁵ELÍAS, Fátima (2019), p. 76

O animal como o morcego é um símbolo de Renascimento, porque cada crepúsculo sai da caverna. Para os egípcios e os romanos o morcego era um animal que atraía bênçãos, mas na Idade Média causava rejeição porque se identificava com bruxaria.

Não muito visto nos cemitérios portugueses, mas o cão é o animal que representa a lealdade e a custódia. Cada cão é um vigia para o seu dono mesmo depois da morte. Na Antiguidade acredita-se que os cães vêem o mundo do eterno, um guia na noite da morte depois de ter sido um amigo fiel sob a luz do sol. (ver **Anexo I**)

Por fim, o símbolo da cobra que é muito representado nos cemitérios. Pode representar diversos significados desde o renascimento e renovação à escuridão e à morte. É o símbolo da Medicina em que está entrelaçada no bastão do deus Asclépio (deus da medicina) e que simboliza o renascimento e a fertilidade. Por outro lado, em termos bíblicos, está associada ao mal, à tentação, ao engano e destruição. Para além de estar representada só, conhece-se a representação em engole a própria cauda, criando um círculo perfeito. Em algumas representações no cemitério aparece a morder a cauda, conseguindo ver-se a ponta, mas a representação correcta é aquela em que se forma um círculo perfeito. A este símbolo pode-se chamar “Ouroboros” que diz respeito ao círculo da vida, em que não há fim.

- **A condição humana:** Partes do corpo humano, as sete virtudes e símbolos mundanos. O coração é a representação mundial do amor. Dois corações unidos representam um casamento e dois corações atravessados por uma seta simbolizam um fervoroso amor. Um coração simples brota as chamas que funciona a alegoria da Caridade. Se estiver sobreposto sobre uma cruz, é interpretado como o pictograma da Caridade e da Fé. No caso de encontrarmos um coração sobre uma cruz e uma âncora, que representa a Esperança, estamos diante do emblema das três virtudes teologais.⁶⁶ Por outro lado, o símbolo do Sagrado Coração é mundialmente reconhecido e venerado, sendo um sinal do amor e da compaixão que Cristo sente pela humanidade. Combinando vários símbolos, as chamas representam o fogo divino do amor de Deus, os espinhos simbolizam que Cristo se sacrificou para redimir da humanidade e a cruz é o ideograma universal da Fé e do Cristianismo.⁶⁷ Por último, o coração atravessado por uma espada, simboliza o Coração Imaculado de Maria. É perfurado pela dor de contemplação do seu

⁶⁶*Ibid.*, p. 121.

⁶⁷*Ibid.*, pp. 122-123.

Filho, Jesus Cristo, torturado e morto na cruz, rodeado de sangue.⁶⁸ É visto nos jazigos dos devotos da Virgem Maria. (ver **Anexo J**).

Um outro símbolo com grande representação são as mãos que oram, que simbolizam a devoção e indicam que a pessoa foi piedosa em vida e que também faz referência à oração por parte de quem para diante o túmulo e ora pelo falecido.⁶⁹

Por último, também pode ser visto a representação de partes do corpo humano que nos fazem lembrar o ex-voto;⁷⁰

- **A mortalidade:** os símbolos mortais. A cadeira vazia que simboliza o vazio, a morte,⁷¹ e o anjo da morte, responsável por transportar as almas dos mortos após a morte;

- **Os símbolos religiosos:** Os símbolos aqui patentes não são elementos do mundo conhecido por ultrapassarem o reino do humano e nos conectarem com o universo transcendente, como uma porta de acesso à realidade sagrada. Muitos dos símbolos religiosos existentes pertencem a diversas religiões dos quatro cantos do mundo. Uma vez que estamos perante um cemitério português, cuja religião maioritária é o Cristianismo, basear-me-ei apenas nos símbolos cristãos

No caso da simbologia cristã, as cruces, a coroa de louros, coroa de espinhos, os anjos, a palma, a representação da Virgem Maria e de Jesus Cristo, o alfa e o ómega são alguns dos exemplos.

Tal como outras plantas perenes, o louro está relacionado com a ideia da imortalidade. Os vencedores de jogos, heróis, cantores e poetas, líderes e sábios foram coroados com os seus ramos. A natureza da planta encerra em si, também, a simbologia da sabedoria e da adivinhação, tal como da pureza física e da espiritualidade, facto este que é sabido da representação de Jesus Cristo, o Filho de Deus para os cristãos, com a coroa de louros na cabeça. Em seguida, a coroa de espinhos está intrinsecamente ligada à paixão de Cristo, em que pode ser acompanhada de outros instrumentos da Paixão, como a lança, o alicate e os cravos.⁷² Pelo triunfalismo de que se reveste traduz, também, a entrada de

⁶⁸*Ibid.*, p. 123.

⁶⁹*Ibid.*, p. 126.

⁷⁰ Ex-voto é o presente dado pelo fiel ao seu santo de devoção, muitas vezes representando partes do corpo que estavam adoecidas e que foram curadas. Disponível em:
<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ex-voto>

⁷¹ELÍAS, Fátima (2019), p.128.

⁷²*Ibid.*, p. 229.

Jesus em Jerusalém. O Cristianismo adota-a como símbolo do triunfo da fé em Cristo sobre a morte e como atributo dos mártires. Santa Bárbara, Santa Rita, Santa Filomena, ou Santa Eufémia, entre outros santos, são acompanhadas de palmas.⁷³

A cruz é a insígnia da glória obtida após o sacrifício de Cristo e, numa forma generalizada, o emblema da religião cristã. Tornou-se popular, a partir do século V, como ornamento das basílicas e sarcófagos e tornou-se o selo das autoridades religiosas. A cruz diversificou-se adquirindo diversas variantes decorativas devocionais que são observáveis em diversos cemitérios:

- A cruz celta: Impulsionada no século XIX, pelo nacionalismo irlandês, tornou-se popular nos seus cemitérios. É caracterizada por quatro braços conectados por um círculo, o nimbo. Esta cruz combina as forças simbólicas do mundo pagão e do cristianismo;⁷⁴ (ver **Anexo K**)

- A cruz grega: Formada por quatro braços de igual tamanho que se cruzam em ângulo reto, rematada em oito pontas, é uma referência simbólica às oito bem-aventuranças;

- A cruz latina: Caracteriza-se pela madeira mais longa do que a única travessa que a percorre. É a cruz mais comum nos cemitérios porque também é a que se associa universalmente à cristandade, já que, segundo, Santo Agostinho, é a reprodução exata da que os romanos usaram para executar Jesus;⁷⁵ (ver **Anexo L**)

- A cruz de lorena: Com dupla travessa, onde o braço superior é menor que o inferior, representa o pedaço da madeira onde Pilatos escreveu o motivo da execução de Cristo – Jesus Nazareno, rei dos Judeus;⁷⁶

- A cruz ortodoxa: Também chamada de cruz russa, consiste numa madeira vertical com três braços transversais. A trave superior é a inscrição que Pilatos mandou colocar sobre a cabeça de Cristo na cruz. A tabela central é aquela onde as mãos de Jesus foram

⁷³*Ibid.*, pp. 239-240.

⁷⁴*Ibid.*, p. 183.

⁷⁵*Ibid.*, p. 186.

⁷⁶*Ibid.*, p. 187.

pregadas, e a terceira, geralmente inclinada, representa o suporte pensado para apoiar os pés de Cristo;⁷⁷

- A cruz gólgota: Representação da cruz latina em cima de uma pedra que se supõe ser o monte de Gólgota – a colina na qual Jesus Cristo foi crucificado; (ver **Anexo M**)

O símbolo do alfa e do ómega, muito lapidado em diversos jazigos, simboliza a primeira e a última letra do alfabeto grego. Os cristãos identificam-nos com Jesus Cristo, a origem do mundo e o fim de todas as coisas. É o símbolo integral de Deus, que é o Todo. “Eu sou o Alfa e o Ómega, o princípio e o fim, disse o Senhor (...) o Todo-Poderoso.”⁷⁸

- **As associações/clubes secretos:** Símbolos de cada associação, por exemplo: A Maçonaria. Os símbolos maçónicos mais representados são o esquadro e o compasso, os triângulos e os apertos de mãos.

As duas mãos que se cumprimentam num aperto afetuoso simbolizam a receção ao céu. As mãos podem ser acompanhadas da palavra «adeus» inscrita acima ou abaixo. Quando o aperto de mãos é incluído dentro de uma coroa de flores ou sob as nuvens, denota uma alegria celestial.

A combinação do esquadro e do compasso é sem dúvida um dos símbolos maçónicos mais conhecidos. Representam respetivamente a matéria e o espírito, a geometria do quadrado e do círculo, em que o esquadro simboliza o cálculo do mundo material – a retidão, o dever e o propósito – e o compasso, a mediação dos ângulos do mundo espiritual – a vontade, o talento e o potencial. O esquadro e o compasso são, de uma forma geral, acompanhados pela letra G maiúscula integrada entre dois símbolos entrelaçados. O seu significado é variável, dependendo da interpretação de cada grupo. A letra G vem do acrónimo GADU – Grande Arquiteto Do Universo – e nos países anglo-saxónicos a letra remota à palavra God – Deus – e também pode sugerir a palavra Geometria – a matemática sob a qual se fundou a Arquitetura e a Maçonaria.⁷⁹ (ver **Anexo N**)

⁷⁷*Ibid.*, p. 188.

⁷⁸ Livro do Apocalipse 1:8

⁷⁹ELÍAS, Fátima (2019), p. 146.

- **Profissional:** Existem símbolos associados a um conjunto variado de profissões como, por exemplo, padeiro, carpinteiro, agricultor, médico, professor. Um alicate, um serrote, um martelo, uma foice, um bastão com uma serpente em volta, um mocho, um quadro, um globo, são exemplos correspondentes a essas profissões. (ver **Anexo O**)

Como já mencionado entre os jazigos destacam-se os classicistas com a presença de um obelisco ou pirâmide, os cristãos com a cruz com ou sem gólgota, os neobizantinos, Arte Nova, etc. Alguns destes possuem conjuntos interessantes de simbologia funerária a alusões a temas para caracterizar o falecido, como a sua profissão ou pertença à Maçonaria ou ainda citações heráldicas. Claro que a simbologia mais vasta está relacionada com a morte e com os ritos e crenças associadas, incluindo figuras meditativas e carpideiras, anjos, alegorias da morte, urnas, ampulhetas, tochas invertidas, caveiras, gadanhas, âncoras partidas, flores em cápsulas, como a papoila.

Outros jazigos que se destacam também pelo seu simbolismo ou pela sua originalidade são o monumento erguido em memória às vítimas do movimento revolucionário do 5 de Outubro de 1910 e o jazigo atribuído recentemente em homenagem, pela Câmara Municipal de Lisboa, aos escritores José de Almada Negreiros (1893-1970) e a Sarah Affonso (1899-1983). (ver **Anexo P**)

5.1.1 A Simbologia Fúnebre no Alto de São João

O cemitério é um espaço antigo, de atos antigos e rituais repetidos. É neste local que podemos observar os diversos símbolos fúnebres.

A título de curiosidade a maioria das pessoas não querem ser lembradas de que o tempo na terra é passageiro, porém nem sempre foi assim. Há alguns séculos atrás, quando as taxas de mortalidade infantil eram elevadas e a maioria da população morria em casa, o ser humano estava habituado a lidar com a morte. Sabe-se que os corpos eram colocados em salões para todos verem e todos serem lembrados e, conseqüentemente, havia livros que explicavam a maneira correta de morrer (...) as excursões familiares ao cemitério eram muito mais frequentes do que são nos dias de hoje (...). Encontrava-se, também, caveiras com os ossos cruzados, as colunas partidas, as flores murchas,

animais como os morcegos ou mochos, as urnas, as ampulhetas, a tocha invertida, entre outros.⁸⁰

Como anteriormente referido existe um conjunto vasto de símbolos fúnebres no Alto de São João e, como estamos perante num cemitério português, maioritariamente de religião cristã, há que ter em conta os significados destes símbolos:

-**Urna:** Coberta parcialmente com um pano, representa as cinzas do corpo, ou seja, o corpo separado da alma e a ida da alma para o céu. O tecido que cobre a cobre representa uma mortalha ou um pano de luto. Esta representação sofre dos mais variados significados tendo em conta a época histórica. Por exemplo: Na Roma Antiga (final do século I a.C.,) a urna era representada estando de baixo de um salgueiro, a árvore consagrada à deusa Juno;⁸¹ (**Figura 22**)

- **Caveira com ossos:** O crânio representa a brevidade da existência terrena e crítica a vaidade humana em que adverte que ao morrer somos todos iguais. A presença de ossos e caveiras representa a morte, mas também a ressurreição, no Dia do Juízo Final;⁸² (**Figura 23**)

- **Ampulheta:** Amplamente utilizada na iconografia tumular oitocentista, como símbolo da efemeridade da vida e da inexorável passagem do tempo. Composta por dois níveis, convencionou-se que o lado de onde escorre a areia representa a vida terrena e o lado onde a areia de vai depositando representa a vida eterna. Representa o ciclo natural da vida e da morte, da terra e do céu. No contexto cemiterial pode ser representada simples ou esculpida com asas de morcego ou de anjo e pássaro, dia e noite respetivamente; (**Figura 24**)

- **Tocha invertida:** A tocha é representada, muitas das vezes, ao contrário e pode conter a chama acesa ou não. A tocha invertida com a chama simboliza a morte e o fogo a alma. A tocha apagada significa a vida foi extinta. A Tocha invertida é um dos atributos

⁸⁰KEISTER, Douglas (2004), p. 100.

⁸¹ELÍAS, Fátima, (2019), p. 171-172.

⁸²*Ibid.*, pp. 162-163.

a Tánatos, o deus da morte gentil, que é representado dormindo com o seu irmão Hypnos, deus do sonho;⁸³ (**Figura 25**)

- **As carpideiras:** Uma mulher sentada, chorando desoladamente e a segurar a cabeça com a mão é a representação do luto. Esta é uma imagem inspirada na história de Níobe, uma bela rainha de Tebas, em que todos os seus filhos foram assassinados pelo deus Apolo e pela deusa Ártemis. Desde então, Tebas chora compulsivamente e daí a sua representação;⁸⁴ (**Figura 26**)

- **As moiras:** Na mitologia grega, as moiras, eram três irmãs que determinavam o destino dos deuses e dos seres humanos. Eram responsáveis por fabricar, tecer e cortar aquilo que seria o fio da vida de todos os indivíduos. Cloto, segurava o fuso e tecia o fio da vida; Láquesis, puxava e enrolava o fio e Àtropos, cortava o fio da vida e assim a pessoa chegava à morte. Esta representação é vista no Jazigo dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia; (**Figura 27**)

- **As máscaras mortuárias:** Estas máscaras eram feitas em gesso (cera no tempo dos Romanos) ficando com um molde (negativo) que era depois cheio para fazer o positivo. É um símbolo muito conhecido no Cemitério do Alto de São João, uma vez que terá sido a partir de um desses positivos que o canteiro esculpiu o busto do médico Abel Jordão. Este está em cima de uma mesa de autópsias em que são visíveis os materiais essenciais para autopsiar um corpo; (**Figura 28**)

- **As ferramentas de sepulcro:** Nas lápides do século XVIII podemos encontrar uma combinação de instrumentos que se utilizava pelo coveiro para se realizar um enterro. A gadanha, o sino e a pá. Atualmente o sacristão é responsável de cuidar da Igreja e apoiar o sacerdote nas celebrações da missa e quem realiza todos os enterros é o coveiro. No entanto, nos séculos anteriores era o sacristão que procedia aos enterros, cuidava da Igreja, supervisionava a manutenção do cemitério;⁸⁵ (**Figura 29**)

⁸³*Ibid.*, pp. 161-162.

⁸⁴*Ibid.*, pp. 115-116.

⁸⁵*Ibid.*, pp. 166-167.

- **A morte segadora:** A morte antropomórfica é representada como uma figura de grande impacto visual, uma escultura esquelética que, meados do século XVIII, veste uma túnica para, nos finais do século XIX, aparecer com uma volumosa capa. O rei dos terrores é um esqueleto que contém em suas mãos um guardião. Os representantes mitológicos da morte são Chronos e Crono/Saturno. Ambas as figuras tinham uma característica em comum: uma gadanha. Contudo, é na Bíblia que se conecta diretamente a morte com o ceifeiro;⁸⁶ **(Figura 30)**

- **Roda partida:** A roda é um símbolo universal que se assemelha ao círculo e representa a eternidade, a rotação perpétua dos ciclos, a renovação e a infinidade.

Por outro lado, a roda também está ligada ao movimento, à instabilidade, com o passar do tempo. Como elemento fundamental dos meios de transporte desde a antiguidade, a roda é também uma alegoria ao movimento cíclico dos astros do céu e do futuro das pessoas da terra. É por isso que uma roda partida simboliza que a viagem do defunto não pode prosseguir porque cruzou-se com a morte;⁸⁷

- **Âncora com o fio partido:** A âncora com o fio partido é um *memento mori* e simboliza a cessação da vida. A âncora segura e amarra o barco no porto e ajuda a sustentar o navio durante uma tempestade em alto mar. Ainda que a âncora represente a esperança e a confiança em Deus, na vida física o fio rompe-se. Foram terminadas as satisfações da vida mortal, mas também a dor e as tormentas quotidianas. Agora a alma está em outro porto;⁸⁸ **(Figura 31)**

- **Coluna partida:** A coluna partida é o símbolo do final da vida ou que a vida é curta. Pode ser visto como uma morte precoce. É um dos mais populares símbolos fúnebres devido ao seu impacto visual;⁸⁹ **(Figura 32)**

- **Ciprestes:** A árvore cipreste, extensiva a diferentes árvores da família das Cupressáceas, é normalmente utilizada na ornamentação de cemitérios. É hábito encontrá-las plantadas nas ruas cemiteriais, mas também é visível enquanto símbolo fúnebre devido ao seu significado: tristeza, morte, saudades. **(Figura 33)**

⁸⁶*Ibid.*, p. 168-169.

⁸⁷*Ibid.*, p. 169.

⁸⁸*Ibid.*, p. 161.

⁸⁹KEISTER, Douglas (2004), p. 129.



Fig. 22 – Urna coberta



Fig. 23 – Caveira com ossos cruzados



Fig. 24 – Ampulheta com asas de pássaro



Fig. 25 – Tocha invertida

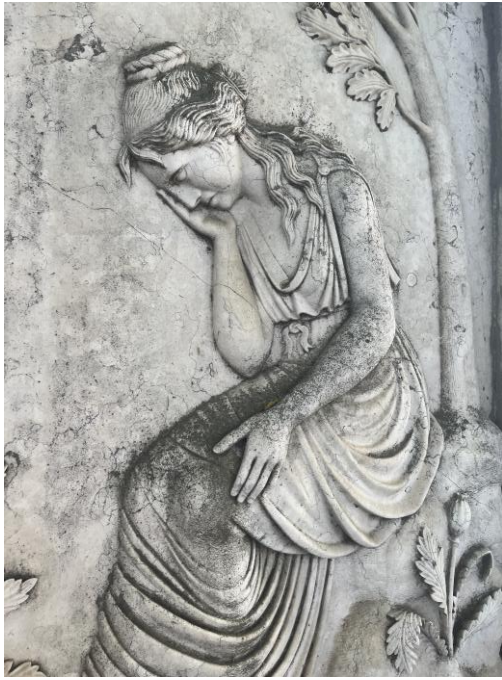


Fig. 26 – Carpideira



Fig. 27 – As moiras

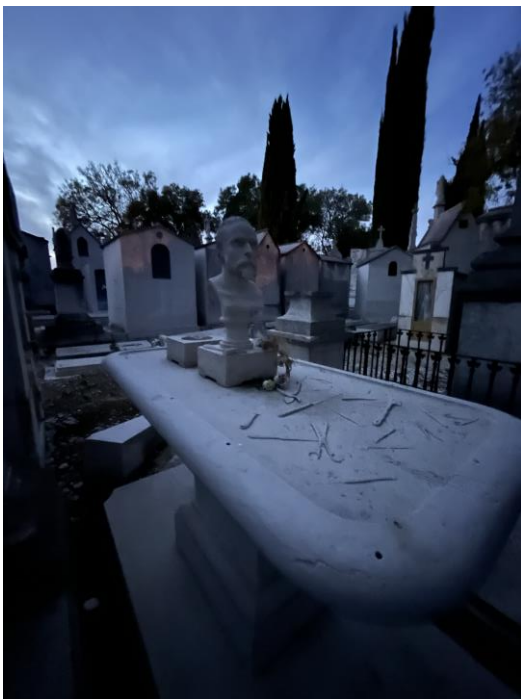


Fig. 28 – Máscara mortuária



Fig. 29 – Ampulheta, Tocha invertida e Gadanha



Fig. 30 – Morte segadora



Fig. 31 – Âncora, cruz e coração



Fig. 32 – Coluna partida



Fig. 33 – Ciprestes

6. Roteiro Artístico

Este é o capítulo que mais desenvolve a aprendizagem adquirida dos diversos conteúdos ao longo do Mestrado em Museologia e Museografia. Aqui é posto em prática a museologia, tendo em conta o “núcleo expositivo” escolhido e a museografia atendendo ao percurso pensado e nas suas características para o fazer o mais atrativo possível.

O Roteiro Artístico, caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, é a ideia ideal a ser realizada no âmbito da Simbologia Fúnebre no Cemitério do Alto do São João.

Nos chamados “Percurso Museológicos” deverão ser pré-determinados aspetos como a definição dos movimentos e ritmos corporais no espaço expositivo para proporcionar uma experiência global proveitosa. O não alinhamento é importante do ponto de vista do estímulo, de forma a não desencadear uma experiência aborrecida ao visitante. Estamos habituados a entrar num espaço museológico e reparar nos seguintes aspetos:

- a) Tipologia da exposição;**
- b) Conservação, segurança e prevenção, especialmente no que toca a situações de alto risco;**
- c) Divulgação e apresentação do espaço;**
- d) Identificação em que existem as tabelas temáticas que nos introduzem ao tema ali exposto e as tabelas individuais que explicam um determinado objeto, apresentando as suas características mais pessoais e técnicas;**
- e) Espécimes expostos (originais, reproduções, representações);**
- f) Orientação, onde é visível as setas que nos guiam e/ou um mapa do museu;**
- g) Material expositor, em que os equipamentos de apoio são e devem ser projetados de modo a proporcionar um reforço ao contexto expositivo;**
- h) Iluminação, que é um fator primordial na criação de ambiências, devendo sempre ser utilizada com cautela devido a fatores prejudiciais que podem causar nas peças expostas. Também devem ser tomados cuidados relativos às sombras que podem ser perceptíveis ao visitante, afetando e influenciando a forma como este poderá ver a obra.**

No percurso desejado para o cemitério estes aspetos não são exceção, porque apesar de não ser dentro de quatro paredes, o percurso tem de conter os aspetos semelhantes a um museu para tornar este “Roteiro Artístico” o mais interativo e produtivo a nível de conhecimentos e de dinâmica. Por outro lado, por se tratar de um espaço ao ar livre e de

não ter as mesmas condições que um edifício proporciona, questões como a iluminação e o material expositor não podem ser colocadas, porque se trata de um a zona em que não há maneira de fazer diferente por estar dependente das alterações meteorológicas e de não conter umas vitrinas em plano vertical ou horizontal e/ou umas baías por não se tratar de um espaço museológico.

Esta é uma ideia que visa explorar o tema da simbologia fúnebre deste cemitério e o percurso, acompanhado de visita guiada, vai ajudar a ter uma outra perceção e conhecimento explorando as diversas ruas do cemitério e os respetivos jazigos e estatuárias.

A proposta para o percurso é escolhida tendo em conta diversos fatores que contribuem para uma melhor visita ao visitante:

- A tipologia do percurso que tem por base um dos pontos fulcrais de um cemitério ao desvendar a história e curiosidade dos seus símbolos fúnebres lapidados nos jazigos;
- A acessibilidade do caminho, não passando por ruas íngremes, e localizado na área central do cemitério, que foi pensada também para pessoas com mobilidade reduzida;
- A divulgação do percurso através de um panfleto com a catalogação de cada um dos jazigos e símbolos apresentados;
- A orientação também apresentada em site;
- A identificação do jazigo e do símbolo por meio de um código QR CODE, colocado no chão junto à construção, direcionando o visitante para a sua história e significado;
- A conservação e segurança com a presença de uma possível grade em torno de um jazigo ou túmulo;
- A sinalética é gravada no chão das ruas do cemitério.

6.1 A Visita

Esta não é apenas uma visita que passa por dar ênfase à Simbologia Fúnebre e o seu significado. É também uma forma de dar a conhecer os diversos tipos de arquitetura presentes no cemitério e espoletar um conhecimento em outras formas de simbologia, como o painel de azulejo de uma das casas portuguesas e o crematório, que tal como o nome indica, queima os corpos dos defuntos e contém muitas representações daquilo que é a morte com a presença de caveiras e chamas no arco de volta perfeita no seu

interior. Para um melhor entendimento, todos os números de jazigos são antecidos pelas letras JP, que significa “Jazigo Particular”.

Com efeito, o percurso, com base nos critérios referidos no capítulo interior, iniciar-se-á na entrada do cemitério onde será explicada a história do mesmo.

Em seguida, é explicada a história do jazigo dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia, onde é realçado a história das moiras (**JP6674**). Andamos um pouco e passamos pelo símbolo da saudade (**JP120**), pelo pormenor do azulejo da casa portuguesa (**JP4717**), que retrata duas pessoas a velarem um caixão, e pelo jazigo da que retrata uma mãe a segurar o filho em que, com uma mão, afasta o anjo da morte. (**JP4749**). Depois iremos até ao túmulo em que é visível uma grande urna (**JP1327**). Logo depois, iremos até ao **crematório**, conhecer o seu interior e observar o arco de volta perfeita onde está retratado caveiras com chamas. Caminhamos um pouco mais para a frente, damos conta com a capela, e do seu lado esquerdo visualizamos os dois jazigos com a figura da carpideira (**JP261, JP265**). Viramos na rua do lado esquerdo e presenciamos o jazigo com a tocha invertida (**JP173**). Caminhamos de volta para a capela e contornamo-la do lado esquerdo para o lado direito. Ao contorná-la, damos conta do túmulo com o símbolo da ampulheta com asas de pássaro (**JP66**), com o túmulo da representação da caveira com ossos cruzados contornada pelo círculo da vida e com a presença de uma ampulheta e de ramos de cipreste (**JP326**), e com outro em que se observa um crânio por cima de uma almofada esculpida (**JP302**) e pelo jazigo com uma representação de outra urna (**JP645**) Por fim, terminamos do lado direito da capela com um pequeno túmulo com o símbolo da caveira com ossos cruzados e com a representação de uma coluna partida. (**JP276**).

6.2 Catalogação dos Jazigos

Como estamos perante a concretização de um Roteiro Artístico, temos de ter em atenção e pensar em como tudo foi pensado e realizado até chegar à fase final. Tal como todos os museus e património edificado (Museu Nacional de Arte Antiga; Museu Nacional do Azulejo; Mosteiros dos Jerónimos, ...), todo o seu espólio museológico sofreram a chamada Catalogação. Segundo o dicionário: “Catalogação é a classificação e organização, segundo determinada ordem, de um conjunto de dados, objetos, etc”

Os jazigos escolhidos para a visita, não são exceção. Como mencionado na metodologia de trabalho (Cap. 1.2), para a elaboração desta fase foram pedidos os macroprocessos referentes aos jazigos em questão. É importante salientar que nem todos têm

macroprocessos ou que destes consta a informação considerada necessária para este trabalho. A título de curiosidade, ao observar os desenhos originais, verifiquei a metodologia da arquitetura em que alguns têm desenhos a vermelho e a amarelo. O vermelho, como se sabe, representa aquilo que foi acrescentado ao jazigo e o amarelo aquilo que foi retirado.

Para a realização da catalogação dos treze jazigos, acrescidos do crematório, com base nos macroprocessos, na base de dados da gestão cemiterial e no levantamento fotográfico, destaquei seis importantes características:

- 1- A data de construção e/ou concessão do terreno e/ou da 1.^a inumação;
- 2- O arquiteto e/ou o canteiro e/ou o primeiro proprietário/proprietário do jazigo;
- 3- O material do jazigo;
- 4- A tipologia do jazigo e/ou o estilo artístico/arquitetónico;
- 5- A iconografia em destaque;
- 6- Notas adicionais.

Para uma melhor catalogação, coloquei os jazigos por ordem numérica.

6.2.1 Os jazigos

JP66 (Figura 34 e ver Anexo Q)



Data inicial para concessão do terreno: 1839
Primeiro Proprietário: Martins Franco;
Material: Lioz;
Tipologia de jazigo: Jazigo com estela;
Iconografia em destaque: Ampulheta com asas de pássaro;
Notas adicionais: Presença de outros símbolos como dois querubins (tipologia de anjos, que tomam conta do trono de Deus e do Paraíso), tocha invertida e a alegoria da Fé sentada.

Fig. 34 – JP66

JP120 (Figura 35)



Fig. 35 – Jazigo JP120

Data para concessão inicial do jazigo:

Janeiro de 1843;

Proprietário: Não foi obtida informação;

Material: Lioz;

Tipologia do jazigo: Jazigo subterrâneo com obelisco;

Iconografia em destaque: Saudade com ouroboros;

Notas adicionais: Presença de fogaréus.

JP173 (Figura 36 e ver Anexo R)

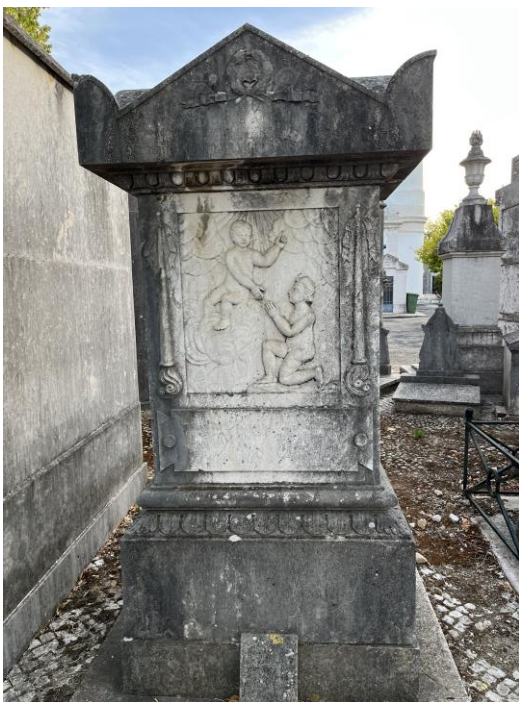


Fig. 36 – JP173

Data inicial para concessão do jazigo: Janeiro de 1845;

Proprietário: Não foi obtida informação;

Material: Lioz;

Tipologia: Jazigo subterrâneo com estela;

Iconografia em destaque: Duas tochas invertidas;

Notas adicionais: Destaque para os “ovos e setas” que está representado por cima da figura dos dois anjos, em que um deles aponta para o céu. Também é de realçar a *tabula ansata*, por baixo dos anjos.

JP261 (Figura 37)

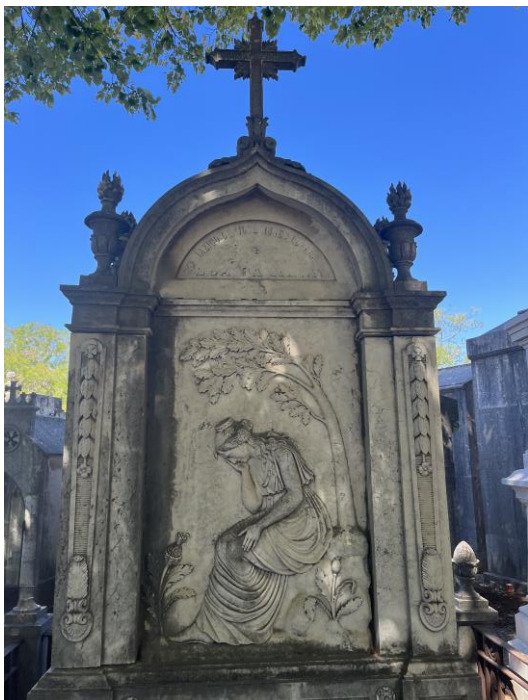


Fig. 37 – JP261

Data de concessão inicial do jazigo: Junho de 1848;

Proprietário: Não foi obtida informação;

Material: Lioz;

Tipologia do Jazigo: Jazigo subterrâneo com estela;

Iconografia em destaque: Carpideira;

Notas adicionais: Carpideira sentada numa rocha com carvalho e com a saudade em frente ao seu joelho. Também se vê a papoila dormideira.

JP265 (Figura 38)



Fig. 38 – JP265

Data inicial para primeira concessão do jazigo: Junho de 1848;

Proprietário: Não foi obtida informação;

Material: Lioz;

Tipologia do jazigo: Jazigo subterrâneo com estela;

Iconografia em destaque: Carpideira;

Notas adicionais: Carpideira encostada a um plinto com uma cinerária e uma urna ao centro. Por cima está a representação do salgueiro-chorão que simboliza a melancolia.

JP276 (Figura 39)



Fig. 39 – JP276

Data inicial para concessão do jazigo: 1848;

Proprietário: Não foi obtida informação;

Material: Lioz;

Tipologia do jazigo: Jazigo subterrâneo com monumento;

Iconografia em destaque: caveira com ossos cruzados (dois fêmures) rodeada por ouroboros;

Notas adicionais: Destaque para a representação da coluna partida.

JP302 (Figura 40 e ver Anexo S)



Fig. 40 – JP302

Data inicial para concessão do jazigo: Dezembro de 1849;

Data em que foi acrescentado o símbolo do crânio: 1853;

Primeiro Proprietário: Mattos Pinto;

Material: Lioz;

Tipologia do jazigo: Jazigo monumento subterrâneo;

Iconografia em destaque: Caveira com dois fêmures cruzados;

Notas adicionais: Pormenor de uma almofada esculpida em cima do túmulo e uma urna coberta com uma manta com uma cruz bordada.

JP326 (Figura 41 e ver Anexo T)



Fig. 41 – JP326

Data para concessão inicial do jazigo: 1850;

Primeiro Proprietário: D. Amália Basto;

Material: Lioz;

Tipologia do jazigo: Jazigo subterrâneo com estela;

Iconografia em destaque: Caveira com ossos cruzados rodeada por um ouroboros, ampulheta com ramos de cipreste e duas tochas invertidas;

Notas adicionais: Dois fogaréus. Pelo que investiguei este é o jazigo que inicialmente pertencia a uma senhora chamada D. Amália Basto, em 1850, e mais tarde terá sido vendido em 1890 para um outro proprietário.

JP645 (Figura 42 e ver Anexo U)

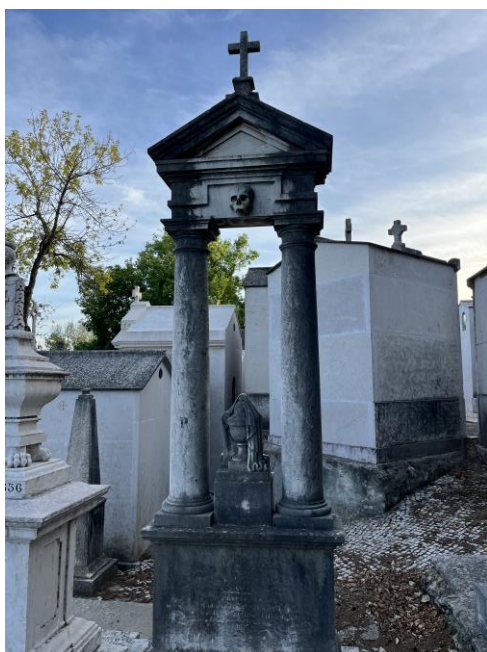


Fig. 42 – JP645

Data para concessão inicial do jazigo: Janeiro de 1858;

Primeiro Proprietário: Mattos Pinto Pereira Chaves;

Material: Lioz;

Tipologia do jazigo: Jazigo subterrâneo com monumento;

Iconografia em destaque: Urna coberta;

Notas adicionais: Presença de um Crânio.

JP1327 (Figura 43 e ver Anexo V)



Fig. 43- JP1327

Data para concessão inicial do jazigo: Dezembro de 1871;

Primeiro Proprietário: Roberto da Cruz Batista;

Material: Lioz;

Tipologia do jazigo: Jazigo subterrâneo monumental e com estela;

Iconografia em destaque: Urna coberta;

Notas adicionais: Presença de duas coroas de saudades e perpétuas e de um coração em chamas que representa a Caridade e que pode simbolizar o Sagrado Coração de Jesus ou o Imaculado Coração de Maria.

JP4717 (Figura 44 e ver Anexo W)



Fig. 44 – JP4717

Data para concessão inicial do jazigo: Abril de 1920;

Proprietário: Joaquim Roque da Fonseca e seu irmão;

Material: Lioz;

Tipologia do jazigo: Jazigo habitacional;

Iconografia em destaque: Painel de azulejos que retrata duas pessoas a velarem dois caixões. Também é de destacar a presença das letras do alfabeto grego: o alfa e o ómega (O princípio e o fim). (ver Anexo X)

JP4749 (Figura 45)



Fig.45 – JP4749

Data para concessão inicial do jazigo: Outubro de 1920;

Proprietário: Luiz da Fonseca;

Material: Lioz;

Tipologia do jazigo: Jazigo subterrâneo com estela;

Iconografia em destaque: Mãe que agarra o filho e afasta o anjo da morte;

Notas adicionais: São raras as representações da morte em Portugal. Em 1954 ocorre uma alteração no jazigo com a remoção de um pequeno degrau e colocação de uma porta na parte da frente. (ver **Anexo Y**) A principal iconografia pode ter sido escolhida de propósito, uma vez que quem está ali enterrado é uma criança.

JP 6674 (Figura 46)

Data de construção: 1903-1909;

Arquiteto: Adães Bermudes (1864-1948);

Material: Lioz;

Estilo Artístico: Neomanuelino;

Iconografia em destaque: As moiras;

Notas adicionais: “Obra-prima da arte cemiterial portuguesa, o Jazigo dos Benfeitores da Misericórdia de Lisboa, destaca-se pela sua monumentalidade e profusão decorativa. Erguido por vontade do Provedor Pereira de Miranda, destina-se a sepultar beneméritos da instituição e homenagear todos os que, ao longo dos séculos, através das suas doações apoiaram e continuam a apoiar a Santa Casa. Foi construído entre 1903 e 1909 pelo arquiteto Adães Bermudes, em estilo neomanuelino, aludindo ao período em que a Misericórdia de Lisboa foi fundada. Os habituais símbolos do manuelino, como a Cruz de Cristo ou a Esfera Armilar, aparecem, por isso, em conjugação com símbolos alusivos à morte. Tem dois pisos, o superior destinado a capela, e o subterrâneo onde se depositam as urnas. Sobre a porta vê-se uma imagem de Nossa Senhora da

Misericórdia, da autoria de João Machado, e os vitrais das janelas, feitos por Cláudio Martins, mostram o brasão da Misericórdia de Lisboa.”⁹⁰

Crematório (Figura 47)

“Iniciada a sua construção em 1911, a escassez de materiais durante a Primeira Grande Guerra levou à impossibilidade da conclusão de construção nos anos seguintes. Em 1925, chegou da Alemanha o forno crematório, tendo a primeira cremação experimental ocorrido a 28 de novembro de 1925. Mantendo-se em funcionamento até 1936, foram cremadas 22 pessoas, ficando o crematório inoperacional até 1985, quando foi recuperado e voltou a funcionar. Em 1985, foi inaugurado o monumento *Flor de Bronze*, junto do cendrário, tendo as cinzas da primeira cremação sido inumadas junto do monumento. Atualmente, a cremação representa cerca de 61% do movimento mortuário nos cemitérios municipais de Lisboa.”⁹¹



Fig. 46 – JP6674



Fig. 47 – Crematório

⁹⁰Brochura “Casa aberta” Cemitério do Alto de São João (2020-2023), 2.ª semana cultural nos cemitérios

⁹¹*Ibid.*

Conclusão

O presente relatório/projeto teve como principais focos o estágio curricular e o estudo da Simbologia Fúnebre presente no Cemitério do Alto de São João, que procurou fazer um primeiro Roteiro Artístico propositado para o Alto de São João, uma vez que o cemitério dos Prazeres já tem uma lista variadíssima dos mais diversos temas interessantes para um local conhecido e destinado a carpir.

Esta é uma temática que nasce do exterior dos cemitérios, das ruas ladeadas de jazigos e da observação detalhada de cada símbolo que os decoram. É importante perceber que a arte tumular e a simbologia são vertentes da História e da História da Arte que não podem ser esquecidos e fazer deles uma riqueza nacional.

Como ponto de partida o tema da simbologia fúnebre, foi possível chegar a outros tópicos tão ou mais importantes que me permitiram fazer um enquadramento do geral para o particular. Temas como o Turismo Cemiterial, principalmente em Portugal, que conta-nos a história e revela-nos curiosidades desconhecidas e nunca antes vistas no nosso país; Os cemitérios românticos portugueses, um assunto que demonstram-nos as diversas etapas de construção, os anos de fundação, os períodos da história que deram origem às suas construções, os variados nomes de figuras importantes que também contribuíram para a sua implantação, etc. Foi a partir de aqui que, depois de uma análise aprofundada, ficou a conhecer-se as vastas tipologias de jazigos existentes nos cemitérios e o tipo de arquitetura/arte que não se encontra apenas nos monumentos, pinturas, esculturas fora dos cemitérios. Seguidamente, após uma grande dificuldade para obter bibliografia, conhece-se a história do Alto de São João. Pessoalmente, este é o cemitério menos conhecido, comparativamente ao cemitério dos Prazeres, e foi gratificante escrever sobre as suas fases históricas com mais de 6.500 jazigos e com diversos estilos artísticos.

Retornando ao assunto protagonista, este foi dividido em três capítulos: A simbologia tumular que nos mostra a sua história ao longo dos séculos e que os símbolos têm diferentes significados dependendo do sítio onde estão lapidados. Por exemplo, se estiverem num cemitério cristão tem um significado e se estiverem num cemitério judaico têm outro; A simbologia existente no Alto de São João apresenta uma enumeração dos mais diversificados temas simbólicos; A simbologia fúnebre no cemitério do Alto de São João que dá-nos a conhecer todos os símbolos fúnebres e o seu significado existentes neste cemitério.

Destaco a última fase deste trabalho que diz respeito à construção do Roteiro Artístico. Foi aqui que fiz a junção do trabalho teórico aprendido em todo o mestrado e o trabalho prático realizado no estágio curricular e, por isso, dado a esta conjugação, o relatório de estágio passou a ser também um trabalho de projeto. Aqui sinto que contribuí para os planos de atividade do cemitério ao criar uma nova visita com um tema desconhecido na sociedade portuguesa.

Em suma, enfatizo a minha grande aprendizagem sobre este tema, que também no meu meio era um assunto inexplorado e que senti grandes questões em escrevê-lo. Pretendo afirmar que adquiri uma grande paixão pela arte tumular e que atualmente faço questão em visitar os grandes e os pequenos cemitérios e transmitir a quem me rodeia este entusiasmo por esta vertente da História da Arte.

Referências

ABRANJA, Nuno., ALCÂNTARA, Ana., MARQUES, Ana., FERREIRA, Ricardo (2012) *Conhecimento e práticas do Turismo Cemiterial: um mercado emergente no setor*, Revista Turismo e Desenvolvimento, nº17/18. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/13169>(Consultado em 1-10-2023).

ANDRÉ, Paula (2006) “*Modos de pensar e construir os cemitérios públicos oitocentistas em Lisboa*”, Edições Colibri/Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ UNL.

Direção-Geral do Património Cultural (2015) *Informação n.º2632/DBC/DPIMI/UCC/2015 de 30 de outubro de 2015 para uma eventual classificação do Núcleo Histórico do Alto de São João*.

ELÍAS, Fátima (2019), *La voz de los muertos: Guía de símbolos olvidados de los cementerios*, [s.l.], Reino de Cordelia Editores.

FERNANDES, Adília, (2018) *Revista CEPHIS* (Centro de Estudos e Promoção da Investigação Histórica e Social), 8. pp. 228-242.

FERREIRA SIMÕES, J. M (2009) *Arquitetura para a Morte: A questão cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitetura*, Fundação Calouste Gulbenkian.

KEISTER, Douglas (2004), *Stories in Stone: A Field Guide to Cemetery Symbolism and Iconography*, Layton, Gibbs Smith.

LENNON, John; FOLEY, Malcolm (2000) *The Attraction of death and disaster*, Tourism Series.

MARQUES, José (2018) *Turismo Cemiterial – o «porquê» e o «onde»*, Revista Turismo e Desenvolvimento, n.º29. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/889/847>(Consultado em 1-10-2023).

MONTEIRO, Gisela; MESQUITA, Sandra, (2020), *Flores de Pedra/Flowers of Stone*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.

OLIVEIRA, Maria Manuel (2007), *In memoriam, na cidade (tese de doutoramento em Arquitetura)*, Universidade do Minho. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6877>(Consultado em 1-10-2023).

OSMAN, Samira; RIBEIRO, Olívia (2007) *Arte, História, Turismo e Lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo*, Licere, Belo Horizonte, vol.10, n.º1, abril de 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/946>(Consultado em 1-10-2023).

QUEIROZ, J. Francisco F. (dez. 1999) *A Influência dos cemitérios de Lisboa na Arte Funerária Oitocentista em Portugal*. Olisipo. Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”, II Série – N.º11, 88-97. Disponível em: http://www.franciscoqueiroz.com/A_influencia_dos_cemiterios_de_Lisboa.pdf(Consultado em 1-10-2023).

QUEIROZ J. Francisco F. (jul/dez. 2000). *Os canteiros de Lisboa: construtores do cemitério romântico*. Olisipo. Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”, II Série – N.º13, 55-70. Disponível em: http://www.franciscoqueiroz.com/Canteiros_de_Lisboa.pdf(Consultado em 1-10-2023).

QUEIROZ, Francisco (2007) *Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal*”. Academia Edu pp. 1-7. Disponível em: https://www.academia.edu/27788252/Os_cemiterios_hist%C3%A9ricos_e_o_seu_potencial_tur%C3%ADstico_em_Portugal (Consultado em 1-10-2023)

REZENDE, Eduardo (2006)*O Céu aberto na terra. Uma leitura dos cemitérios na geografia urbana de São Paulo*. São Paulo: Necrópolis.

RIBEIRO DE SÁ, S. J.(1843) – *Academia de Bellas-Artes de Lisboa, Exposição de 1843. O Panorama*. Série II. Vol.III.

ROGAN, Michel (1981) *L'espace de la mort: Essai sur l'architecture, la décoration et l'urbanisme funéraires*. Paris : Albin Michel.

VAZ, Francisco de Assis Sousa, (1835), *Memória sobre a inconveniência dos enterros nas igrejas e utilidade da construção de cemitérios*, Porto.

Anexos

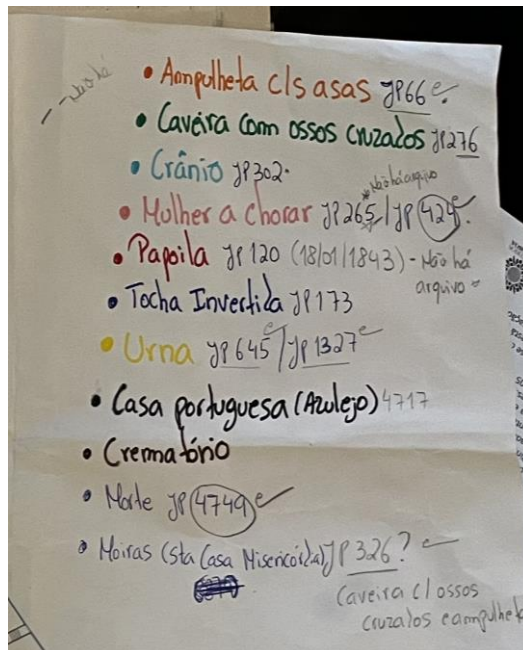
Anexo A – Dossiers com os registos fotográficos dos jazigos do Alto de São João



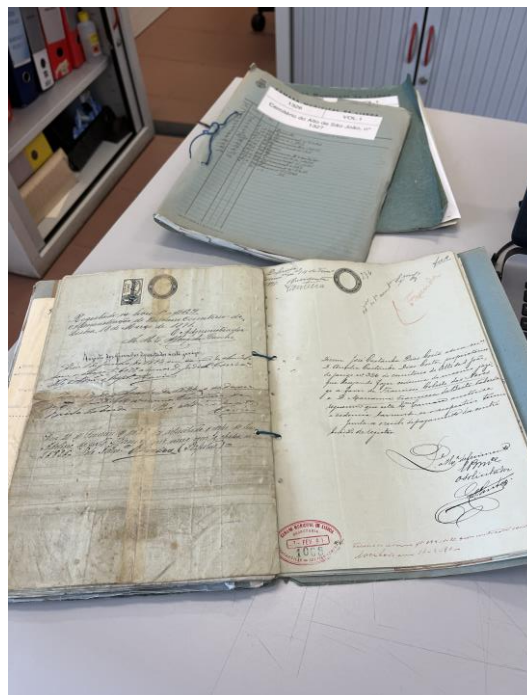
Anexo B – Mapa A3 do Alto de São João com os Jazigos de Simbologia Fúnebre



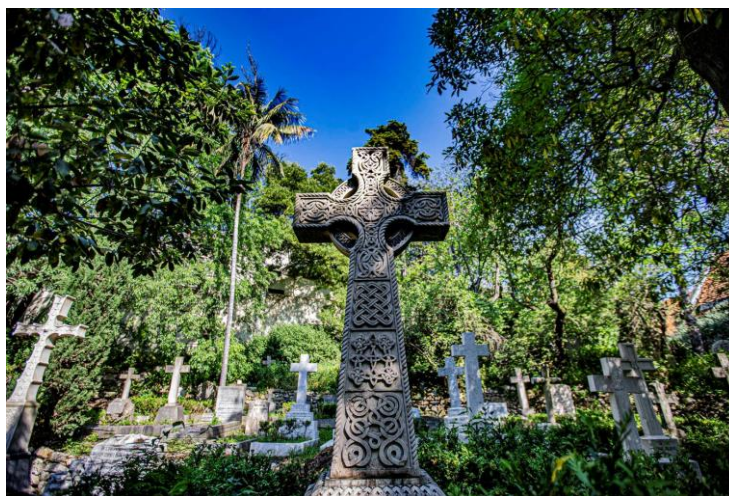
Anexo C – Legenda dos Jazigos escolhidos para o percurso



Anexo D – Macroprocessos da Câmara Municipal de Lisboa para pesquisa de informações dos jazigos escolhidos



Anexo E – Cemitério Britânico de Lisboa



Anexo F – Símbolo Saudade-Perpétua



Anexo G – Símbolo Patas de leão



Anexo H – Símbolo Mocho



Anexo I – Símbolo Cão



Anexo J – Símbolo Coração com espinhos



Anexo K – Símbolo cruz celta



Anexo L – Símbolo cruz latina



Anexo M – Símbolo cruz gólgota



Anexo N – Símbolo Maçónico: Esquadro, compasso e letra G



Anexo O – Símbolo profissional Professor



Anexo P – Jazigo de Almada Negreiros e de Sarah Affonso



Anexo Q – Desenho original JP66



Anexo R – Desenho original JP173



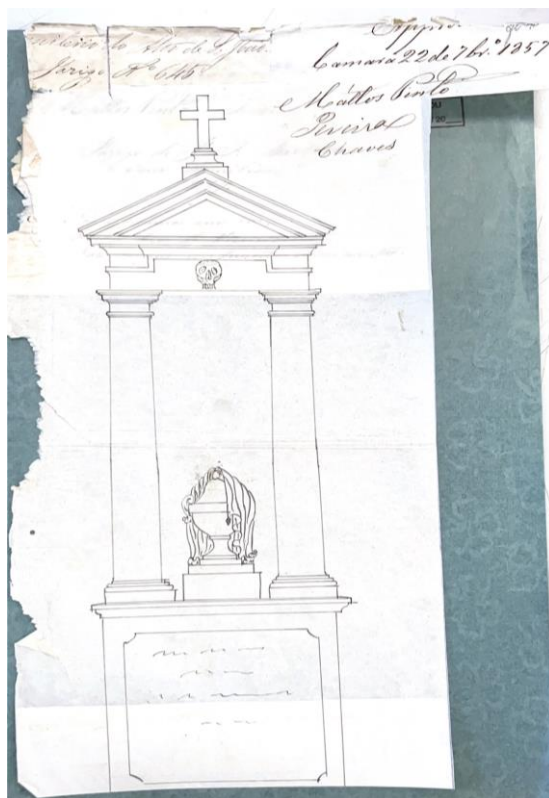
Anexo S – Desenho original JP302



Anexo T – Desenho original JP326



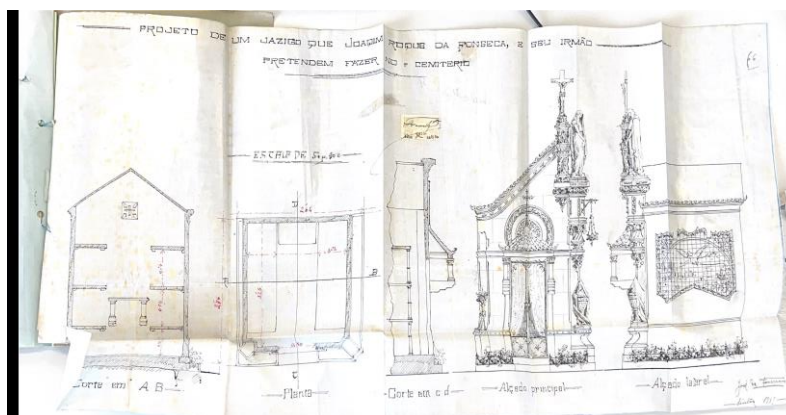
Anexo U – Desenho original JP645



Anexo V – Desenho original JP 1327



Anexo W – Desenho original JP4717



Anexo X – Painel de azulejo 4717



Anexo Y – Desenho original JP4749

